

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DO
MOVIMENTO HUMANO**

**METAS DE ORIENTAÇÃO NO ESPORTE DE JOVENS
ENVOLVIDOS NA PRÁTICA ESPORTIVA ESCOLAR E
SUA RELAÇÃO COM AS EXPERIÊNCIAS
ESPORTIVAS**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Maria Clarissa Zanini

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**METAS DE ORIENTAÇÃO NO ESPORTE DE JOVENS
ENVOLVIDOS NA PRÁTICA ESPORTIVA ESCOLAR E SUA
RELAÇÃO COM AS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS**

por

Maria Clarissa Zanini

Monografia apresentada ao Curso de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano, Área de Concentração em Desenvolvimento Humano, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Ciência do Movimento Humano**.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Copetti

Santa Maria, RS, Brasil

2005

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física e Desportos
Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**METAS DE ORIENTAÇÃO NO ESPORTE DE JOVENS ENVOLVIDOS
NA PRÁTICA ESPORTIVA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM AS
EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS**

elaborada por

Maria Clarissa Zanini

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Ciência do Movimento Humano

COMISSÃO EXAMINADORA:

Fernando Copetti, Dr.
(Presidente/Orientador)

Sara Teresinha Corazza, Dr^a. (UFSM)

João Francisco Magno Ribas, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 04 de agosto de 2005.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho. Agradeço a todos aqueles que como eu sabem o quanto esta etapa que se encerra foi importante na minha vida.

Agradeço primeiramente a Deus por ter sempre estado presente em minha vida e que principalmente nos momentos mais difíceis, através de sua presença e de sua força me mostrou o caminho certo a seguir. Muito Obrigado por tudo, só nós sabemos o quanto eu desejei esta conquista; obrigada por mais esta vitória!

Ao meu orientador Professor Fernando Copetti, obrigado por esta oportunidade que me destes, pela sabedoria compartilhada, por dividir comigo os momentos difíceis, os problemas que surgem no decorrer do percurso, por ter confiado no meu trabalho, pelos conselhos, conversas, incentivo e apoio sempre tão essencial para me dar coragem de seguir em frente, pela orientação, amizade, carinho e dedicação. Obrigado por fazer parte deste estudo e desta conquista.

A toda a minha família (pais, irmãos, minha vó), obrigado por sempre estarem ao meu lado, sempre presentes em minha vida, em minhas conquistas, em meu caminho. Obrigada pelos conselhos, pela força e por acreditarem. Obrigada por existirem!

Quero agradecer a uma pessoa que além de ser muito amiga, foi colega de curso por quatro anos, colega de estágio, e ainda colega de especialização. Jaque, obrigada pelo companheirismo e por todas as horas e momentos que estivemos juntas; obrigada pela ajuda, incentivo e força.

A todo pessoal do LAPEM – Desenvolvimento Humano e dos projetos, em especial a Susi, a Karla, a Danielle, o Marcelo, a Letícia e o Kenji. Obrigado por tudo, pelas contribuições e experiências compartilhadas.

Ao Paulo, obrigada por resolver meus problemas de estatísticas.

Ao pessoal que me ajudou nas coletas, em especial a Daniela e a Luana. Obrigada pela ajuda, amizade e dedicação, por ter podido contar com vocês.

Aos amigos e colegas de especialização. Obrigado por tudo, pelos momentos de alegria, pelo companheirismo, pela convivência, amizade, carinho e experiências compartilhadas. Muito sucesso para todos!

A todos os professores que de alguma maneira contribuíram com este trabalho, aos professores da banca pelas contribuições. Obrigada a todos pelos ensinamentos, incentivos e conhecimento transmitido.

Ao Vinícius, que mesmo à distância me incentivou e apoiou. Obrigada pela atenção, amor e carinho. Muito Obrigada por tudo!

Aos amigos pessoais, agradeço pela amizade, força e companheirismo nos momentos importantes. Obrigado por me proporcionarem momentos de alegria e felicidade.

Agradeço a todos que de alguma forma foram responsáveis por esta vitória e me incentivaram nesta etapa tão importante.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	IV
SUMÁRIO	VI
LISTA DE TABELAS	VII
RESUMO	VIII
ABSTRACT	IX
I – INTRODUÇÃO	1
1.1 - O PROBLEMA	5
1.2 - OBJETIVO GERAL	5
1.2.1 - Objetivos Específicos	5
1.3 - JUSTIFICATIVA	6
1.4 - HIPÓTESE DO ESTUDO	8
1.5 - DEFINIÇÃO DE TERMOS	8
II - REVISÃO DE LITERATURA	9
2.1. Os JOVENS E O CONTEXTO ESPORTIVO	9
2.1.1. A Diversidade de Experiências Esportivas	11
2.1.2. Processo de Engajamento, Permanência e Abandono no Esporte	13
2.2. MOTIVAÇÃO ESPORTIVA	15
2.2.1. Influências Contextuais na Motivação	18
2.2.2. A Percepção de Sucesso	20
III – METODOLOGIA	23
3.1 - CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	23
3.2 – POPULAÇÃO	23
3.3 – AMOSTRA	23
3.4 – PROCEDIMENTOS	24
3.5 – INSTRUMENTOS	25
3.6 – TRATAMENTO ESTATÍSTICO	26
IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	27
V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
VI – CONCLUSÕES	45
VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXOS	56

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Diversidade de modalidades praticadas em relação ao tipo.....	27
TABELA 2 - Diversidade de modalidades praticadas em relação ao número.....	27
TABELA 3 - Predominância da meta de orientação.....	28
TABELA 4 - Meta de orientação e a relação com o sexo dos escolares.....	29
TABELA 5 - Meta de orientação e a relação com as faixas etárias.....	29
TABELA 6 - Meta de orientação e a relação com o tempo de prática.....	30
TABELA 7 - Meta de orientação e a relação com as experiências em competição.....	31
TABELA 8 - Meta de orientação e o sentimento de abandono na correlação de Pearson.....	31
TABELA 9 - Frequência e percentual de sentimento de abandono.....	32
TABELA 10 - Meta de orientação e a correlação com o tipo de esporte praticado.....	32
TABELA 11 - Meta de orientação e a correlação com o número de modalidades esportivas.....	33

RESUMO

Monografia de Especialização
Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano
Universidade Federal de Santa Maria

METAS DE ORIENTAÇÃO NO ESPORTE DE JOVENS ENVOLVIDOS NA PRÁTICA ESPORTIVA ESCOLAR E SUA RELAÇÃO COM AS EXPERIÊNCIAS ESPORTIVAS

AUTORA: MARIA CLARISSA ZANINI

ORIENTADOR: FERNANDO COPETTI

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 04 de agosto de 2005.

Este estudo teve como objetivo verificar se a diversidade de experiências esportivas é uma variável associada à maneira com que jovens orientam suas percepções de sucesso no esporte. Participaram 362 estudantes (187 masculino e 175 feminino) com idades entre 14 e 20 anos (média de $16,95 \pm 1,06$), pertencentes à cidade de Santa Maria - RS. Utilizou-se como instrumentos o Questionário de Orientação Motivacional no Desporto (QOMD) em sua versão adaptada e traduzida e o Questionário de Avaliação das Experiências Esportivas e Sentimento de Abandono. No coeficiente alfa de Cronbach utilizado seus valores demonstraram haver consistência interna dos fatores. Os resultados encontrados nos mostram que os adolescentes apresentaram as duas orientações, mas um predomínio na orientação para a tarefa. Em relação ao gênero o sexo pode explicar a diferença no ego, mas não na tarefa. Os indivíduos em um contexto esportivo apresentaram, com o aumento da idade, a tendência a ter uma orientação mais elevada para a tarefa e o contrário pode ser percebido na orientação para o ego. O tempo de prática em atividades esportivas não foi significativo nas orientações. O papel das experiências competitivas somente foi significativo na orientação para a tarefa. O sentimento de abandono entre os adolescentes quase não ocorreu. A diferença entre o tipo de experiência esportiva, somente foi significativa na orientação para a tarefa. Na orientação motivacional relacionada à diferença entre o número de modalidades praticadas também se encontrou diferenças somente na orientação para a tarefa. Os resultados não possibilitaram evidenciar que o número de experiências na prática esportiva é uma variável que influencia na orientação motivacional.

Palavras-chave: Adolescentes, Esportes e Meta de Orientação

ABSTRACT

Monograph of Specialization
Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

GOALS OF ORIENTATION IN THE SPORT OF YOUTHS INVOLVED IN PRACTICE SPORTING SCHOLAR AND HER RELATIONSHIP WITH THE SPORTING EXPERIENCES

AUTHOR: MARIA CLARISSA ZANINI

ADVISOR: FERNANDO COPETTI

Santa Maria, August 04, 2005.

This study had as objective verifies the diversity of sporting experiences it is a variable associated to the way with that youths guide their success perceptions in the sport. They announced 362 students (187 masculine and 175 feminine) with ages between 14 and 20 years (average of $16,95 \pm 1,06$), belonging to Santa Maria's city - RS. It was used as instruments Orientation Motivacional's Questionnaire in the Sport (QOMD) in her adapted version and translated and the Questionnaire of Evaluation of the Sporting Experiences and Feeling of Abandonment. In the coefficient alpha of used Cronbach their values demonstrated there to be internal consistence of the factors. The found results us they show that the adolescents presented the two orientations, but a prevalence in the orientation for the task. In relation to the gender the sex can explain the difference in the ego, but not in the task. The individuals in a sporting context presented, with the increase of the age, the tendency to have a higher orientation for the task and the opposite can be noticed in the orientation for the ego. The time of practice in sporting activities was not significant in the orientations. The paper of the competitive experiences was only significant in the orientation for the task. The feeling of abandonment among the adolescents hardly happened. The difference among the type of sporting experience, was only significant in the orientation for the task. In the orientation motivacional related to the difference among the number of modalities practiced met also differences only in the orientation for the task. The results didn't make possible to evidence that the number of experiences in practice sporting is a variable that influence in the orientation motivacional.

Word-key: Adolescents, Sports and Goal of Orientation

I – INTRODUÇÃO

O esporte é uma das manifestações mais interessantes e representativas da cultura do corpo. Por isso tem um grande significado para nós e um interesse particular para os mais jovens (Marques, 2004). O esporte nos ensina que para atingir um objetivo maior é necessário desenvolver habilidades como disciplina e paciência, e também nos mostra a interdependência entre todos nós (FRANCO, 2000).

É necessário levarmos em consideração os fatores psicológicos em relação aos esportes e seus efeitos para que se tenha um bom desempenho esportivo. Esses fatores psicológicos incluem ansiedade, concentração, confiança, motivação, preparação mental e personalidade (a totalidade dos traços psicológicos característicos de uma pessoa) (MORROW JR., JACKSON, DISCH e MOOD, 2003).

O esporte deve ser compreendido a partir de um sentido plural. Em outras palavras, o esporte é um fenômeno com várias formas e uma expressão com distintos significados. Este sentido plural decorre das motivações e sentidos atribuídos pelos seus praticantes. Não obstante, é necessário reconhecer que o esporte mesmo compreendido na pluralidade de suas formas e sentidos mantém uma estrutura peculiar. Mantém um conjunto de categorias essenciais que permanecem presentes em todas essas manifestações. Esta estrutura é constituída, principalmente, pelas categorias rendimento corporal, regulamentos e competição (Gaya & Torres, 2004). Neste estudo, Esporte será definido como sendo a modalidade esportiva que os escolares praticam dentro e fora da escola e que será também utilizado como sinônimo de desporto.

Quando se participa de esportes aumenta-se a auto-estima e a autoconfiança. Pesquisas demonstram que não é mais suficiente treinar apenas a parte técnica ou tática de uma equipe, pois vários aspectos alheios acabam interferindo numa performance. As questões emocionais e psicológicas de uma equipe ou mesmo de um atleta de modalidade individual atuam, determinadamente, na busca de seus objetivos (FRANCO, 2000).

O contexto esportivo é claramente orientado para o desempenho, onde o indivíduo ou a equipe luta para realizar seus objetivos e atingir um padrão de

excelência. O indivíduo é responsável pelos seus comportamentos, os quais conduzem ao resultado e, o processo, é avaliado por ele mesmo e por outros presentes, que o avaliam em termos de sucesso ou fracasso. Esse é também um ambiente, onde crianças e adolescentes podem utilizar o processo de comparação social para determinar seu posicionamento perante o grupo e determinar seu próprio valor. Um elemento significativo do conceito de esporte é precisamente comparar as capacidades de uma pessoa ou de uma equipe, com as capacidades de outras pessoas ou de outra equipe, não tentar então fazer uma comparação correta é uma forma desonesta de participar na competição (MARTENS, 1999).

Mas, um paradoxo existe, além do esporte ser visto como um contexto, altamente desejável, no qual as crianças, aparentemente realizam-se, por outro lado, muitas delas acabam perdendo a motivação e abandonam a experiência esportiva competitiva (Vieira & Vieira, 2001). Muitos adolescentes decidem engajarem-se em práticas esportivas à procura de prazer naquilo que fazem e para realizarem uma atividade de que gostam. As pessoas motivam-se para fazerem aquilo que lhes permite realizar as suas necessidades. O prazer resulta da possibilidade de viver uma experiência esportiva agradável e de experimentar momentos de sucesso nessa atividade (MARTENS, 1999).

A relação que existe entre sucesso e fracasso é um dos temas estudados pela motivação, ela tem sido explorada e reconhecida e é sem dúvida um dos mais importantes temas para a psicologia onde interesses cada vez maiores estão surgindo por este assunto. Para a compreensão da motivação e dos comportamentos de realização devem ser considerados o significado e a função do comportamento, bem como a identificação das metas de ação (ROBERTS, 1992).

As perspectivas de metas influenciam diretamente no tipo de comportamento apresentado pelo aluno em aula, segundo Duda (1993b), há uma forte correlação entre a percepção do aluno e fatores como interesse, participação, agressividade, persistência, prazer, satisfação ou não na realização das tarefas escolares. Acredita-se que quando sentimos prazer naquilo que fazemos, a possibilidade de obtermos bons resultados é maior, o que dentro do esporte seria interpretado como melhora da performance, persistência na realização das tarefas e maior motivação durante as atividades (MULLER, 1998).

Dentro da abordagem da motivação que considera que o indivíduo pode orientar suas ações ou julgamentos em duas diferentes perspectivas, uma orientada

para a tarefa e outra para o ego, ainda muito é necessário se conhecer sobre essas propriedades psicométricas e suas implicações para o esporte e para a educação física. Podendo-se então conhecer e compreender a orientação utilizada por pessoas envolvidas na prática esportiva para julgar o sucesso pessoal nestes ambientes.

Durante as três séries do ensino médio muitas são as preocupações que surgem quanto à educação física: necessidade de trabalho, preparação para o vestibular e início da adolescência. Nesse momento a educação física é vista pelos alunos como algo que atrapalha o seu plano de vida, já que o conteúdo trabalhado em forma de jogos não mais satisfaz como disciplina de um currículo escolar. Jogar, elas já o fazem nos clubes, nos momentos de lazer e nas reuniões periódicas que os adolescentes organizam. É uma etapa onde a educação física tem seu compromisso redobrado com a educação, uma das principais tarefas para professores é manter o interesse dos alunos em aprender, ao invés de fornecer uma grande quantidade de informações nas quais eles não estão interessados (PELLEGRINOTTI, 1995).

Por meio da prática de uma atividade física o adolescente deveria aprender a lidar com a frustração, com a perda e com o espírito de cooperação. Praticar esportes não faz bem apenas para a saúde física do indivíduo, o hábito ajuda também na construção do aspecto psicológico. O conteúdo emocional do esporte é muito importante (LIMA, 2005).

O Esporte, como conceito, é considerado uma atividade metódica e regular, que associa resultados concretos referentes à anatomia dos gestos e à mobilidade dos indivíduos. Esta é a conotação que podemos chamar de “Esporte de alto nível”, veiculada nas mídias em geral, representada por pessoas executando gestos extremamente mecanizados, uniformes, com um certo gasto de energia para produzir um determinado tipo de movimento repetidas vezes. São gestos plásticos, muito organizados, moldados e com muitas regras, para que se possa obter algum resultado prático. O Esporte pode ser encarado, dentro de outras ópticas, tanto como o Esporte veiculado nas mídias, como uma atividade dentro de um grupo de amigos (na escola, na rua ou qualquer local) (BARRETO, 2003).

Existem outros conceitos de Esporte, em que se consideram como um componente dos blocos de conteúdos da Educação Física escolar, isto é, a Educação Física nas escolas possui alguns conteúdos, tais como a Dança, os Jogos, as Lutas, as Brincadeiras, e o Esporte é um destes. É na escola que a

conotação de Esporte deve ser diferente do Esporte de alto nível, apesar de alguns professores de Educação Física insistirem em alto rendimento. Felizmente este modelo vem modificando-se, aos poucos. Assim, a idéia que se tem de Esporte é muito ampla, o que permite uma variedade de conceitos (BARRETO, 2003).

O esporte como conteúdo da educação física deve ter como objetivo o ótimo desempenho e, portanto, deve trabalhar com metas realistas, respeitando as características físicas, psicológicas, sociais e culturais dos praticantes e as diferenças individuais quanto a expectativas, aspirações, preferências e valores. O esporte de rendimento focaliza uma modalidade específica. Sua orientação é para a especificidade, posto que o sucesso seja inviável em várias modalidades. O esporte como conteúdo da educação física opta pela generalidade. Isso implica no oferecimento de oportunidades em várias modalidades esportivas. A extensão do oferecimento dá margem para uma ampla exploração desse patrimônio cultural (TANI & MANOEL, 2004).

Os pais devem respeitar a modalidade esportiva escolhida e não impor determinado esporte que eles próprios gostariam de fazer. A atividade tem de ser prazerosa. E isso está diretamente ligado à liberdade de escolha. Não há nenhum esporte mais benéfico para o crescimento pessoal. O que existe são características diferentes entre esportes coletivos e individuais (Lima, 2005). Através dos esportes coletivos, por exemplo, aprendemos sobre nossos limites corporais e sobre como nos relacionar com os limites do outro (BARRETO, 2003).

O esporte escolar deve desempenhar um papel relevante no desenvolvimento de uma diversidade de experiências que propiciem competências (domínio motor, psíquico, social e afetivo), através de sua prática. Um ensino de qualidade poderia aproveitar-se das diversas experiências que as modalidades esportivas propiciam para promover não só o conhecimento e a habilidade da criança e do jovem, mas também trabalhar o seu autoconhecimento e auto-estima (TANI & MANOEL, 2004).

Os alunos devem se apresentar motivados para prática desde o início da escolaridade, reconhecendo, de modo geral, o valor da função social da escola e das aulas de educação física. Assim sendo, os educadores têm como função garantir que esta motivação se mantenha, além de assegurar que os aspectos referentes à motivação intrínseca e à meta de orientação para a tarefa sejam trabalhados em aula. No contexto escolar, as atividades devem ser desenvolvidas levando-se em consideração os elementos promotores da motivação intrínseca para

que assim constantemente sejam criadas situações motivadoras como promover desafios, curiosidade, diversificar planejamentos, jogos educativos e de regras, dinâmicas de grupo e outras.

1.1 - O Problema

➤ A diversidade de experiências esportivas é uma variável associada à maneira com que jovens orientam suas percepções de sucesso no esporte?

1.2 - Objetivo Geral

- ❖ Verificar se a diversidade de experiências esportivas é uma variável associada à maneira com que jovens orientam suas percepções de sucesso no esporte.

1.2.1 - Objetivos Específicos

- ❖ Verificar qual a diversidade de experiências esportivas dos jovens escolares.
- ❖ Verificar qual a característica predominante de meta de orientação adotada por jovens escolares.
- ❖ Verificar se existe diferença entre variáveis como sexo, idade, tempo de prática e ter participado de competição e a meta de orientação adotada pelos jovens.
- ❖ Verificar se existe sentimento de abandono e se há uma relação deste com a meta de orientação adotada pelos jovens.
- ❖ Verificar se existe diferença na percepção de sucesso considerando os esportes coletivos e individuais.
- ❖ Verificar se o número de modalidades esportivas é uma variável que está relacionada com a maneira com que jovens percebem seu sucesso.

1.3 - Justificativa

As metas de orientação no esporte se configuram como tendências contemporâneas a serem pesquisadas na psicologia do esporte. Através delas podemos verificar quais as intenções ou metas que estão presentes nas disposições pessoais de jovens inseridos em contextos esportivos e que podem levar as pessoas a um processo de engajamento, permanência e abandono no esporte. É este entendimento que deve ser transmitido aos profissionais de educação física para que haja um maior conhecimento das “reais” motivações que levam uma criança a ficar horas praticando esportes ou exercícios físicos.

Os profissionais da área da educação física devem fazer uso das metas de orientação para prognosticar o objetivo com que crianças, jovens e adultos praticam esportes, pois conhecer as suas orientações se torna muito importante para o seu trabalho em contextos específicos como clubes e escolas. Através desse conhecimento será mais fácil de entender os relacionamentos nos mais diversos contextos os quais poderão ser canalizados para seus devidos fins.

Com base na literatura abordada neste estudo existem duas orientações distintas, com características específicas e que demonstram maneiras diferentes de percepção de sucesso ou fracasso no contexto esportivo. Este conhecimento permitirá aos professores da área perceber porque alguns alunos apresentam um propósito egoísta de estabelecer sua superioridade sobre os outros, tentando mostrar que para realizar bem uma determinada tarefa é necessário “ser mais hábil” do que seus colegas (Nicholls, 1992). Dentro do contexto escolar, o mesmo autor comenta que para estes estudantes que possuem uma elevada orientação do ego não existe a ênfase em ajudar um ao outro na aprendizagem, e tampouco o senso de tarefa acadêmica de grupo. Em contrapartida, há aqueles que apresentam elevado envolvimento orientado para a tarefa, possuindo um propósito de ganhar habilidade ou conhecer e executar o melhor de si, acreditando que para alcançar o sucesso é necessário interesse, esforço, entendimento, e também são os que valorizam a colaboração com os outros.

Acredita-se que se este conhecimento for usado adequadamente nas aulas os alunos tentarão sempre melhorar seu rendimento, descobrindo maneiras de fazer melhor e não sofrendo frustrações no esporte. Também, não deixando de se

empenhar na realização de uma atividade física ou tarefa esportiva porque comparam seus resultados com os outros e não acreditam em suas capacidades.

Para trazer o benefício adicional de aumentar a auto-estima física nos esportes é importante que os professores e os pais construam um ambiente motivante, fazendo com que a prática de atividades esportivas se torne mais interessante e de maior engajamento das crianças e dos jovens (Morrow Jr. et al., 2003). Por isso, cabe aos pais passarem um conjunto de valores e influências sócio-afetivas e emocionais em relação ao sucesso e/ou fracasso das crianças, a escola também deve incentivar de maneira correta para que os alunos saiam dela interessados em dar continuidade às atividades esportivas. Embora saibamos que esta continuidade não depende somente dos alunos quererem, depende de se ter um local apropriado e com condições para a prática esportiva.

O professor deve constituir na prática esportiva, o “mais poderoso agente de socialização”, em especial a partir dos 12-13 anos e de cuja atuação dependerá de forma relevante à qualidade das experiências que as crianças e jovens vivem no seu processo de desenvolvimento (Gonçalves, 2000 apud Fernandes, Costa, Moreira, Bogdan, Dias e Fernandes, 2003). Também se torna relevante que os professores expliquem e acentuem o significado de fazer parte de um grupo (clube) e da importância da vivência coletiva e do contributo individual para a valorização do grupo; que estimulem os contatos sociais intra e intergrupos (com companheiros de outras equipes); que promovam atividades que facilitem esses contatos onde rapazes e moças, possam participar conjuntamente; e, que definam regras de conduta e de comportamento dos jovens para com todos os intervenientes nas práticas esportivas (FERNANDES, et al., 2003).

É com este intuito que se torna importante o estudo aprofundado acerca das características de jovens envolvidos na prática esportiva escolar, assim é de grande interesse conhecer as metas de orientação para compreender porque determinadas reações ocorrem especificamente em contextos esportivos. Para tanto, os professores criarão estratégias corretas com estes adolescentes nas aulas de educação física criando também um clima motivacional adequado para o melhor desenvolvimento das habilidades por parte de seus alunos. Com isto as dimensões de orientação no ego ou na tarefa poderão ser utilizadas de maneira a descrever os ambientes subjetivos ou as teorias de sucesso dos clubes esportivos.

1.4 - Hipótese do Estudo

A diversidade de experiências esportivas está associada com a orientação motivacional. A escolha por esportes coletivos e/ou individuais e também o número de modalidades esportivas que jovens praticam está relacionado com a maneira com que estes jovens percebem seu sucesso no contexto esportivo.

1.5 - Definição de Termos

Diversidade de Experiências Esportivas – corresponde ao número e ao tipo de modalidades esportivas praticadas dentro e fora das aulas de educação física durante o ensino médio. Essa diversidade de experiências propicia através de sua prática competência em domínios como: motor, psíquico, social e afetivo. Experienciar diversas modalidades esportivas promove não só o conhecimento e a habilidade da criança e do jovem, mas também trabalha o seu autoconhecimento e auto-estima.

Sentimento de Abandono – vontade que a pessoa sentiu de abandonar algo, no caso o esporte que pratica.

II - REVISÃO DE LITERATURA

2.1. Os Jovens e o Contexto Esportivo

O esporte infanto-juvenil é um modelo social que faz parte da formação do ser humano na infância e adolescência e é organizado em função dos valores sociais e culturais onde é desenvolvido, sendo inevitável o estabelecimento de um vínculo entre o esporte e o adolescente. O esporte é um fenômeno que chama a atenção dos indivíduos no universo da sociedade contemporânea. O modelo social inclui, entre outras instituições, a família, a escola, o clube esportivo, os quais afetam os indivíduos em relação às suas potencialidades e à sua formação esportiva (SIMÕES, BÖHME e LUCATO, 1999).

Segundo Felker (1998), as manifestações esportivas no período da vida escolar do adolescente são diversas, indo desde as orientações educativas no esporte enquanto um dos conteúdos a ser desenvolvido pela educação física dentro do currículo escolar, passando pelas atividades extracurriculares que podem ser denominadas “turmas de treinamento esportivo”, com finalidade de representação escolar em competições ou não, até a institucionalização dos jogos estudantis.

O esporte escolar é aquele onde se valorizam as possibilidades normativas na formação sobre valores, atitudes, habilidades e conduta humana. Nessa perspectiva as categorias rendimento, competição e regulamentos ficam submetidos a princípios de educação e formação de crianças e jovens. O esporte na escola é para que crianças e jovens, independentemente de suas potencialidades físicas, motoras e esportivas, aprendam a praticá-lo, tenham acesso à cultura esportiva e ao quadro axiológico decorrente. É orientado por uma pedagogia de ensino-aprendizagem, mas, da mesma forma, não dispensa preocupações com os valores relacionados ao rendimento, às regras institucionalizadas e à competição (GAYA & TORRES, 2004).

O esporte deve constituir um campo de ação e de vivência interessante e atraente para os adolescentes. A isto se pode acrescentar que o esporte não deve ser uma prática por mera obrigação, mas sim que tenha características prazerosas

(Vieira & Vieira, 2001). É necessário que os jovens se sintam “estimados” (apreciados) quando praticarem esportes, o que terá de constituir uma das mais importantes preocupações do professor no exercício da sua função. A necessidade de se sentir estimado, quando participam na prática esportiva, é realizada através de duas componentes: sentir-se competente e viver situações de sucesso (Martens, 1999). Assim, é sugerido que como princípio fundamental, a prática esportiva deve tomar em consideração e nortear-se pelo interesse do jovem que a pratica (FERNANDES, et al., 2003).

O esporte é, para os jovens, um desafio, face à avaliação que permanentemente o acompanha e à identificação muito clara dos vencedores e dos derrotados. É muito difícil as pessoas “esconderem-se” quando praticam esportes. Nesta perspectiva o esporte pode ser para os jovens uma coisa que os amedronte, se eles pensarem que podem falhar. Por isso, é com naturalidade que os jovens associam o sucesso a competência e o mérito ao fato de vencer, e o perder a insucesso, incompetência e demérito (Martens, 1999). Ganhar e perder são contingências do esporte, e talvez a sua prática seja a melhor forma de aprendermos a conviver com ambas as faces da disputa (GAYA & TORRES, 2004).

Na prática de esportes os resultados não devem ser o critério da avaliação do rendimento, porque seguramente vai haver situações de derrota e não há nenhum mal nisso. E o que devemos ensinar aos alunos é, a saber, lidar com a derrota, saber escolher desafios realistas, fazer com que todos experimentem a competição, não deixar que as crianças pensem que o seu valor depende da vitória. O que é difícil porque dentro da lógica esportiva o que interessa é a vitória, o vencer, a conquista.

Existe uma larga faixa de consenso entre os investigadores na aceitação de que a prática esportiva competitiva pode proporcionar boas oportunidades para a socialização das crianças e dos jovens, mas, contudo, os possíveis aspectos positivos dessa socialização são intimamente dependentes da qualidade das situações que são criadas na prática esportiva (GONÇALVES, 1999).

É a possibilidade que esta lhe oferece de avaliar as suas próprias capacidades, comparando-as com as dos outros e consigo própria. De mostrar ao outro aquilo de que é capaz, de obter sucesso, de se superar. De criar junto dos amigos, dos pares, de terceiros uma boa imagem social. De adquirir e desenvolver valores para a sua futura vida em sociedade (MARQUES, 2004).

A vida e a sociedade atuais são muito criticadas por serem perpassadas pela competição e esta por ser fonte dos males que assolam aquelas. Eis um tremendo equívoco. A acusação deve voltar-se para outro alvo. A competição é base e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Do que estamos carecidos é de uma sólida aprendizagem da competição susceptível de enraizar profundamente uma ética do jogo e do jogador (BENTO, 2004).

Saber competir, estar preparado para fazê-lo, é, pois condição de preparação para a vida que não devemos esquecer na formação e educação dos mais jovens e que a escola deve inscrever, de forma descomplexada, nas suas finalidades educativas. As competições de que falamos não são apenas os modelos formais, os modelos evoluídos do esporte de alto nível. As competições de que falamos são também os pequenos jogos, as pequenas competições, menos estruturadas, simplificadas, diversificadas, que são as formas de aprendizagem por excelência. Isto é o jogo, nas suas múltiplas formas (MARQUES, 2004).

2.1.1. A Diversidade de Experiências Esportivas

Acredita-se que a escola dá o primeiro impulso social no comportamento das crianças rumo às diferentes atividades físicas e esportivas. No contexto da prática esportiva escolar, deve ser oportunizado aos jovens o conhecimento e a vivência em diversas modalidades para que sejam trabalhados os fatores como a prontidão esportiva e a maturidade.

As manifestações de apoio e de proteção familiar podem facilitar ou dificultar o êxito em atividades esportivas, em se tratando de satisfação e sucesso. Família e professores são elementos cruciais para o processo de envolvimento das crianças com o esporte. O pai e a mãe encorajam muito seus filhos para as práticas esportivas – reforçando os argumentos de que as crianças precisam ser auxiliadas a conferir e dar sentido a cada uma das modalidades esportivas que praticam para que se ajustem em torno do prazer de participar (SIMÕES et al., 1999).

Os esportes e atividades físicas podem ser realizados coletivamente ou individualmente. Parece existir diferença em relação ao tempo necessário para o executante de uma modalidade coletiva vivenciar a estimulação, aprendizagem e prática, quando comparado ao executante de uma modalidade individual. As pesquisas têm mostrado e os Jogos Olímpicos ilustraram isso, que os esportes

individuais (ginástica, natação, etc.) envolvem competidores bem mais jovens que aqueles dos esportes coletivos (Krebs, 1992). Parece existir uma relação diretamente proporcional entre o número de modalidades vivenciadas a nível de estimulação e aprendizagem, com o número de modalidades em que alguém pode optar para praticar ou especializar-se.

Estimulação e aprendizagem motoras específicas a uma única modalidade asseguram a possibilidade de prática e especialização apenas naquela modalidade (Krebs, 1992). Um exemplo disso é aquele aluno para quem desde a estimulação já foi definida uma única modalidade, assim não tendo uma outra chance para escolher fora daquela. Estimulação e aprendizagem motoras generalizadas asseguram uma gama maior de opções para a prática e especialização. É o caso, por exemplo, daquele aluno que compete no voleibol e no atletismo e que, além disso, incorporou em seus hábitos de vida a prática da natação, tênis e basquete.

A prática esportiva deve contribuir para o desenvolvimento integral dos jovens e como tal para a sua formação. É muito importante a prática quer seja de modalidades coletivas ou individuais, bem como a prática de atividades desportivas para além da aula de Educação Física. Mas a questão principal em relação aos esportes é que haja participação independentemente de ser coletivo ou individual, assim como ser vivenciada uma ou mais modalidades. É verdade que há crianças e jovens que praticam esportes várias vezes por semana ou até diariamente no âmbito do desporto organizado, mas também é muito grande e promete aumentar o número daqueles que não praticam rigorosamente nada (BENTO, 2004).

Martens (1978 apud VIEIRA, 2003b, p.86), ressalta a importância das relações interpessoais no processo de iniciação esportiva das crianças e jovens com a seguinte colocação:

Não é o confronto, a competição, ou o tipo de desporto praticado que determinam automaticamente o valor das atividades para crianças e jovens. É, antes de qualquer coisa, a natureza das experiências vividas nessas atividades, são as interações com os pais, os treinadores, os companheiros, a assistência, que irão determinar o valor qualitativo da prática desportiva e se esta representa ou não um verdadeiro fator de formação e desenvolvimento das crianças e jovens.

Estudos demonstram existir diferença na motivação de crianças e jovens em relação à prática mais competitiva e o esporte mais informal, ou seja, aquele esporte lazer, recreação. Os pesquisadores Cardoso & Gaya (1996), fizeram seus estudos relacionados à motivação para crianças e jovens, e constataram que aquelas que

praticam esporte em escolinhas e aqueles que participam de competições valorizam mais a competência desportiva, enquanto que as crianças praticantes de esporte só nas aulas de educação física valorizam mais os motivos relacionados com os aspectos relativos à saúde, a amizade e o lazer.

Em primeiro lugar deve vir o bem estar dos jovens, a motivação para mantê-los ligados ao desporto, mostrando as suas capacidade para que se mantenha um interesse maior. O importante na prática esportiva é sentir-se capaz, trabalhar com vitórias e com derrotas para se aproveitar às potencialidades educativas do desporto. A aceitação da derrota, a nobreza na vitória é um código de conduta que preceitua as relações no desporto e tem sentido para a vida (MARQUES, 2004).

2.1.2. Processo de Engajamento, Permanência e Abandono no Esporte

Muitos adolescentes e jovens abandonam a atividade atlética ou esportiva e o real motivo para esse fato é o que as pesquisas procuram investigar. Muitas razões têm sido empregadas para explicar esse fenômeno de desistência ou de falta de motivação.

É certo que há casos de aumento e de números satisfatórios na prática esportiva nas idades mais baixas, mas não pode ser esquecido o fenômeno do abandono crescente a partir do início da adolescência. E também não pode ser esquecido que o abandono da prática esportiva não acontece, em regra, para abrir as portas de entrada noutras atividades de índole francamente positiva (BENTO, 2004).

São inúmeros os casos de insucesso e insatisfação de professores e alunos nas aulas de Educação Física. Quando o professor é autoritário, seu comportamento é automatizado para obediência e disciplina nas aulas, o que muitas vezes é interpretado como disciplina necessária e ideal para atingir os objetivos educacionais. Esta atitude, em muitos casos, desestimula o aluno, fazendo com que ele, após o ensino médio completo, abandone a atividade física, retornando talvez após uma intervenção médica (MULLER, 1998).

Durante a trajetória de desenvolvimento a desistência no prosseguimento da realização em um determinado domínio é uma possibilidade que ocorre, principalmente, na juventude (Vieira, 2003a). As investigações realizadas na área da

psicologia do esporte têm explorado uma maior quantidade de fatores motivadores para o abandono da atividade esportiva (VIEIRA & VIEIRA, 2001).

Para que os adolescentes persistam em atividades físicas e esportivas deve-se realizar um trabalho conjunto, onde haja dedicação dos pais, técnicos, boas escolas e oportunidades desafiadoras para que assim eles cultivem o gosto pela prática (Vieira & Vieira, 2001). Weinberg & Gould (2001), ressaltam que os pais podem desempenhar um papel altamente positivo e/ou altamente negativo na experiência esportiva das crianças. O desafio para as pessoas envolvidas com esportes juvenis é de identificar as formas precisas com que os pais podem afetar positivamente a experiência das crianças e encorajá-los a empregarem estas práticas. Se os pais e a escola não proporcionam a orientação educacional esportiva e o apoio necessário, as crianças/adolescentes podem encontrar dificuldades nesse caminho esportivo (SIMÕES et al., 1999).

Não obstante as exigências colocadas pela família, grupo de amigos, clubes, entidades esportivas, federações, entre outros que permeiam a prática esportiva, existem as características pessoais de cada criança que têm o poder de determinar ou influenciar significativamente o processo de envolvimento com a prática esportiva, tanto na iniciação a uma modalidade quanto a permanência e dedicação integral a ela (COPETTI, 2003).

Muitos dos fatores que levam crianças e talentos a abandonar o contexto esportivo competitivo são direcionados para aspectos negativos da prática esportiva competitiva. As pesquisas têm apontado uma grande variedade e diversidade de fatores que interagem no processo de abandono. Em um estudo feito onde diversos autores pesquisaram sobre as causas do abandono do contexto esportivo competitivo pode-se verificar que existem múltiplos motivos evidenciados como a falta de habilidade, problemas com os técnicos, a estrutura organizacional do esporte, a pouca melhoria do desempenho, as experiências esportivas negativas, conflitos de interesse com outras atividades, falta de alegria, a condição financeira da família, interferência de pais na atividade do filho, desejo de perseguir outros interesses, querer participar em outro esporte, ter que trabalhar a pressão competitiva, fatores como stress e ansiedade e o demasiado tempo dedicado à prática esportiva. Nestes estudos pode-se também verificar que o fator idade é uma variável que altera os motivos para o abandono nos esportes (VIEIRA & VIEIRA, 2001).

Orlick (1974 apud VIEIRA & VIEIRA, 2001), entrevistando jovens entre 7–18 anos sobre suas intenções futuras no esporte, encontrou indicativos reveladores de que a maioria decidiu que não continuariam sua participação no próximo ano citando os aspectos negativos no envolvimento. Esses aspectos incluem a falta de tempo para jogar, a ênfase competitiva do programa e a ênfase no vencer. Tais estudos sugerem que a estrutura de esporte para jovens estava inadequada em encontrar os motivos para a participação e era responsável pelo seu comportamento de abandono.

Dessa forma, as ligações entre atleta-técnico, pai-técnico, status sócio-econômico da família e o tempo de desempenho do treinamento, são variáveis que podem levar ao abandono do esporte competitivo. E pode-se evidenciar também que os problemas de abandono no esporte estão associados tanto com o fracasso como com o sucesso.

2.2. Motivação Esportiva

Segundo Davidoff (1983), motivação é um conceito que se invoca com frequência para explicar as variações de determinados comportamentos e, sem dúvida, apresenta uma grande importância para a compreensão do comportamento humano. É um estado interno resultante de uma necessidade que desperta certo comportamento, com o objetivo de suprir essa necessidade. Os usos que uma pessoa der as suas capacidades humanas dependem da sua motivação, seus desejos, carências, ambições, apetites, amores, ódios e medos. As diferentes motivações e cognições de uma pessoa explicam a diferença do desempenho de cada uma. Os fenômenos motivados apresentam comportamentos que parecem guiados pelo funcionamento biológico do organismo da espécie: como o de beber, comer, evitar a dor, respirar e reproduzir-se.

Nos últimos anos, um dos assuntos centrais da psicologia desportiva é a motivação. Ela está associada à palavra motivo, segundo Magill (1984), motivo é definido como alguma força interior, impulso, intenção, etc. que leva uma pessoa a fazer algo ou agir de certa forma. Sendo assim, qualquer discussão sobre motivação implica em investigar os motivos que influenciam em um determinado comportamento, ou seja, todo o comportamento é motivado, é impulsionado por

motivos. Morgan (1977 apud PAIM & BORELLI, 2001), explica que a motivação é um termo que abrange qualquer comportamento dirigido para um objetivo. Ela se inicia com um motivo, esse provoca um determinado comportamento para a realização de um determinado objetivo.

O entendimento dos motivos pelos quais os jovens se envolvem, nos esportes, tem sido fonte de várias pesquisas para profissionais e pesquisadores da área. Autores têm estudado a motivação no esporte, partindo de várias perspectivas (VIEIRA, 2002).

A motivação, segundo Becker Jr. (1996 apud PAIM & BORELLI, 2001) é um fator muito importante na busca de qualquer objetivo pelo ser humano. Os treinadores reconhecem este fato como sendo principal, tanto nos treinamentos como nas competições. Assim sendo, a motivação é um elemento básico para o atleta seguir as orientações do treinador e praticar diariamente as sessões de treinamento. O seu entendimento no esporte torna-se importante, no momento em que a enfocamos como um processo para despertar ação ou sustentar a atividade (FERREIRA et al., 1985 apud VIEIRA, 2002).

Em termos gerais, a palavra motivação significa, “os fatores e processos que levam as pessoas a uma ação ou à inércia em diversas situações” (Cratty, 1983 p.36). É através dela que podemos compreender o ser humano, analisando os motivos que surgem para determinados comportamentos (Berleze, 1998). Com ela as pessoas dirigem seu comportamento para intenções, interesses, motivos e metas.

Segundo Samulski (1995), a motivação é caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). As atitudes que o indivíduo realiza por sua própria vontade são características evidentes de motivação intrínseca. Já a motivação extrínseca é definida como sendo uma motivação controlada por meios exteriores (BERLEZE, 1998).

A motivação “intrínseca” se refere a algo interno, parte íntima, inseparável. Então, pode se dizer que é aquela razão, aquele motivo, que vem de dentro da pessoa, como exemplo quem pratica esporte pelo simples prazer de praticar. A motivação “extrínseca” é o contrário, ela vem de uma necessidade externa à pessoa. Então, pode se dizer que a razão pela qual se faz algo é apenas um meio para se alcançar outro objetivo maior. A ação em si não satisfaz e sim o que decorre dela, como exemplo aquela pessoa que não pratica pelo prazer que a atividade lhe

proporciona, mas sim desejando poder alcançar outras coisas que na realidade são seus reais motivos (FRANCO, 2000).

Segundo Winterstein (2002), a palavra motivação parece ter um certo encantamento, principalmente quando falamos de atividade física em geral ou no esporte, em particular. A intensidade da motivação depende da diferença entre o estado atual do indivíduo e o estado futuro, ou melhor, o objetivo que ele quer atingir. Isso significa que, se ele está num ponto e quer chegar a um outro muito distante, não haverá motivação suficiente para a tarefa. É lógico, ele não vê como poderá alcançá-la. A dificuldade da tarefa, então, deve estar de acordo com as capacidades do indivíduo. Se você se impõe uma atividade muito difícil, será impossível se manter motivada por muito tempo, pois demorando em ver o retorno, não consegue vislumbrar a vitória. Neste caso, é necessário dividir a tarefa em partes menores para que haja possibilidade de sentir o progresso acontecendo (Franco, 2000). Tarefas muito fáceis despertam pouca motivação assim como muito difíceis produzem frustração e desinteresse. Podemos afirmar que existe um nível ideal de dificuldade para cada tipo de pessoa.

Segundo a Teoria Cognitivista da Motivação, existem dois tipos de pessoas: aquelas que são motivadas pela esperança de êxito e as que são motivadas pelo medo do fracasso. Pessoas que agem pela esperança de êxito possuem alto índice de motivação para a realização e baixo índice de angústia ou medo da derrota. Esse tipo de pessoa escolhe tarefas de dificuldade média para enfrentar riscos médios. Pessoas que agem pelo medo do fracasso possuem baixo índice de motivação para a realização, porque na realidade não acreditam que possam conseguir e alto índice de angústia, isto é, têm pavor de pensar em fracassar, pois acreditam que assim se reduziriam a “nada”. Esse tipo de pessoa, por conseguinte, escolhe tarefas ou muito fáceis para que possa garantir o sucesso e não se arriscar, ou muito difíceis para que possa, obviamente, justificar-se perante os mais críticos (FRANCO, 2000).

Muitos professores de educação física procuram indiscriminadamente técnicas, truques, “mágicas milagrosas” para tornar seus alunos sempre motivados. A motivação é, sem dúvida, a “mola” propulsora para que haja aprendizagem e aperfeiçoamento.

2.2.1. Influências Contextuais na Motivação

Um fator importante com poder de influenciar a orientação pessoal (tarefa ou ego) encontra-se na percepção do clima motivacional, ou seja, a percepção da meta evidente na situação. Ames (1992) sugere que os pais, técnicos, professores e outras pessoas significativas, tais como amigos de práticas esportivas e não esportivas, estruturam o clima motivacional da situação. Essa estrutura se dá pelo fornecimento de instrução, retroalimentação, recompensas, expectativas explícitas, entre outros.

Indivíduos que percebem situações onde a ênfase está no desempenho de uma tarefa específica, de desenvolver novas habilidades, centrar-se na aprendizagem ou na resolução de um problema, esperam-se que apresentem maiores probabilidades para promover o envolvimento na tarefa. Por outro lado, se eles perceberem situações onde a ênfase do ambiente está na avaliação, na competição entre os indivíduos, na comparação social, nos testes, etc., e em fatores que incluam a presença de público, audiência, televisão, etc. e que aumentem o retorno do autoconhecimento público, tendem a aumentar as probabilidades para promover o envolvimento no ego (NICHOLLS, 1992).

Quando os alunos são envolvidos na tomada de decisão, em melhorar a sua capacidade, o sucesso é definido e avaliado em termos de esforço e melhora individual, a descoberta de novas estratégias e a aprendizagem é encorajada, ele provavelmente perceberá seu ambiente de esporte orientado na tarefa. Ao contrário, quando a ênfase da aprendizagem está em comparação interpessoal, a avaliação é baseada na comparação com o outro, o tempo destinado à aprendizagem é inflexível, então provavelmente o aluno terá uma percepção do clima motivacional na orientação para o ego. É prevista uma melhor adaptação do aluno ao clima motivacional orientado na tarefa do que no ego (AMES, 1992).

Encorajar um clima de motivação orientado para a tarefa tem mostrado resultados positivos também no contexto educacional. Na aula de educação física o professor transmite aos alunos os seus objetivos e tenta motivá-los a aprender. Mas cada aluno terá uma maneira de perceber esta ação do professor de acordo com seus motivos, suas necessidades e sua orientação para o ego ou tarefa, podendo assim apresentar ou não objetivos semelhantes aos propostos em aula.

Estudos têm buscado compreender a dinâmica entre a meta de orientação adotada (disposição pessoal) e o clima motivacional adotado (força do contexto), (Ames, 1992, Seifriz, Duda e Chi, 1992, Kavussanu & Roberts, 1996, Vlachopoulos & Biddle, 1996, Papaioannou, 1998, Dunn, 2000), entre outros, onde têm observado que nem sempre a orientação pessoal adotada pela pessoa é compatível com o clima de motivação apresentado pelo contexto. Quando isso ocorre, padrões comportamentais de adaptação são desencadeados, cujas resultantes podem ser positivas ou negativas (ROBERTS, 1992).

A percepção de estudantes do clima motivacional em relação às suas percepções de tratamento de meninos e meninas nas aulas de educação física tem sido foco de investigação nessa área por Papaioannou (1998). Os estudantes relataram que os professores que tentaram realmente ajudá-los a aumentar suas habilidades apresentaram-se menos prováveis a tratar seus alunos de forma desigual, quando comparados com os professores que não focaram seus objetivos na aprendizagem de seus alunos. Esses resultados, segundo o autor, condizem com a teoria que suporta a evidência que a “ênfase do professor nas habilidades de seus alunos, corresponde positivamente para a motivação dos alunos” (p. 274).

Criar um ambiente positivo é um bom começo para proporcionar aos jovens o gosto pela prática. Quanto mais positivo for o ambiente, maiores serão as possibilidades de alguns desses adolescentes chegarem, posteriormente, a maiores níveis de rendimento, enquanto outros irão manter-se ligados até mais tarde a uma prática esportiva que apresente formas mais recreativas e que favoreçam a saúde (Orlick, 1999). Quanto maior for a duração e o intervalo de ocorrência de um evento com potencial instigativo, positivo ou negativo, e este permanecer atuando sobre a criança, maiores poderão ser as chances de que esse processo de interação seja efetivamente estabelecido (Copetti, 2003). O clima motivacional, a socialização e os resultados de experiências já vivenciadas em atividade física podem resultar em diferentes orientações individuais (AMES, 1992, DUDA, 1993b, NTOUMANIS & BIDDLE, 1998).

2.2.2. A Percepção de Sucesso

Todas as pessoas desde criança apresentam necessidades, algumas indispensáveis outras nem tanto. No decorrer de nossas vidas estas necessidades vão mudando, as crianças necessitam de motivadores como os emocionais; mais tarde de segurança e proteção. Na adolescência são os caminhos da independência e da autonomia que surgem com maior força. No adulto jovem é do trabalho aos motivadores sociais (afiliação, poder e realização). Estes são alguns motivos que podem contribuir para entendermos, em parte, o estabelecimento de metas e a conduta humana (MULLER, 1998).

O fenômeno da motivação esportiva tem sido, nas últimas décadas, abordado sob diferentes perspectivas. Uma das mais recentes e aceitáveis na psicologia do esporte tem sido a perspectiva da meta de orientação, ou também conhecida como orientação para a realização. Essa perspectiva parte do pressuposto que o significado subjetivo que as pessoas dão ao êxito se encontra estreitamente relacionado com as emoções, pensamentos e condutas que desenvolvemos (GIMENO, GARCÍA & RIVAS, 1999).

Estudos na área esportiva têm apresentado características pessoais que podem ser compreendidas funcionando como disposições pessoais. A que tem despertado maior interesse tem sido a motivação. O impacto desse tipo de disposição tem sido foco de estudo de Duda (1992, 1993a, 1996), Nicholls (1992), Roberts (1992), onde duas perspectivas de meta de orientação são apontadas, uma ego orientada e outra orientada para a tarefa.

Estas duas orientações ortogonais foram denominadas de “Task” e “Ego” (Nicholls, 1992) e traduzidas para o português como orientação para “Tarefa” ou “Ego” (Fonseca & Brito, 2001). Em outros estudos também foram denominados de maestria ou competitivos, respectivamente, quando se referem às manifestações da orientação em um contexto esportivo. Essa abordagem das dimensões de orientação do ego e da tarefa pode ser usada para “descrever os ambientes subjetivos ou as teorias de sucesso de toda uma sala de aula e, presumivelmente, o mesmo pode ser dito para as equipes esportivas” (NICHOLLS, 1992, p. 47).

Foi assumido que as duas orientações refletem a crítica individual usada para subjetivamente definir sucesso e fracasso no cenário de realização (Duda, 1989). A orientação à tarefa e a orientação ao ego são ortogonais entre si (Roberts, Treasure

e Balague, 1998), mas quando medimos a orientação motivacional podemos encontrar sujeitos que são orientados à tarefa e ao ego simultaneamente (Cervelló, Escartí e Balagué, 1999). Indivíduos podem apresentar elevada orientação em ambas às metas, como observado por Gimeno, García e Rivas (1999) em um grupo de tenistas de alto nível, onde os aspectos direcionais da motivação foram elevados tanto na orientação para o ego quanto para a tarefa.

Os termos tarefa e ego orientação referem-se à tendência de diferenciação de conceito de habilidade respectivamente, sendo o estado de orientação envolvido. O estado de orientação envolvido na realização do contexto de atividade física depende das circunstâncias de disposição da orientação do indivíduo. A distinção conceitual crítica entre a orientação para a tarefa e para o ego está situada em como cada pessoa tende a construir sua habilidade e julgar seu sucesso subjetivo, ou resultado da meta, em situações particulares.

A natureza verdadeira da meta é diferente quando alguém está em um estado de envolvimento da tarefa ou do ego, e se a pessoa está em algum desses estados ou outro, é dependente das diferenças individuais na orientação do ego ou da tarefa (DUDA, 1992, p. 64).

Independente de sua nomenclatura pode-se associar a orientação para a tarefa como uma análise autoreferenciada do rendimento e a procura da demonstração de desempenho na realização de uma determinada tarefa com superação de si mesmo, de seu próprio rendimento. Em relação à orientação para o ego há uma comparação para o rendimento relacionado com os outros indivíduos e a procura de demonstração de habilidade quando em comparação com outros indivíduos.

Segundo Seifert (1995) estudantes que são orientados para a maestria (tarefa ou intrínsecos) são engajados em aprender com a intenção de adquirir conhecimento e aumentar a competência. Do mesmo modo, esses sujeitos provavelmente acreditam mais em seu esforço para a causa do sucesso ou fracasso, enfrentam problemas difíceis do mesmo modo que desafios, são engajados profundamente em processos estratégicos e fazem de si mesmo uma auto-afirmação positiva. Já os estudantes que possuem uma meta de orientação para a performance (ego ou extrínseco) são interessados em demonstrar suas habilidades, eles provavelmente acreditam mais nas suas habilidades para causa do sucesso ou do fracasso, tem dificuldades de solucionar problemas em situações de

fracasso, são menos engajados no uso de estratégias sofisticadas e fazem de si mesmo uma auto-afirmação negativa.

Neste domínio, estudos que examinaram a correlação comportamental das metas ego e tarefa evidenciaram a ênfase, pelos indivíduos orientados para a tarefa, na demonstração do esforço e, pelos indivíduos orientados para o ego, na falta de persistência. Além disso, indivíduos orientados para o ego tendem a demonstrar capacidade superior (mesmo não a tendo), não são muito persistentes e atribuem o êxito às suas habilidades, ao seu esforço e à sorte (WINTERSTEIN, 2002).

III – METODOLOGIA

3.1 - Caracterização do Estudo

Este estudo caracteriza-se predominantemente por ser um método de pesquisa do tipo causal-comparativo (Gil, 1999), ele estabelece uma relação causa e efeito sem manipular a variável independente, uma vez que o fenômeno já existe (Gay, 1987). Tem por finalidade verificar se a diversidade de experiências esportivas é uma variável associada à maneira com que jovens orientam suas percepções de sucesso no esporte. Apesar de apresentar um desenho similar ao experimental, não se manipula a variável independente, ou seja, não se pode produzir o fenômeno identificado como a variável independente. É uma relação causa/efeito, onde a variável independente é a diversidade de experiências esportivas, o produto que são as percepções de sucesso é a variável dependente.

3.2 – População

Alunos matriculados no ensino médio regular de escolas públicas de Santa Maria - RS, totalizando 10.136 alunos no ano de 2004.

3.3 – Amostra

Para a seleção da amostra foram identificadas as escolas públicas da cidade por entender que teria mais fácil acesso do que as particulares e através de uma conversa com os professores de educação física foram selecionadas aquelas escolas que possuíam a educação física dividida em clubes por modalidades esportivas, oferecendo algum esporte individual e que os alunos não fossem obrigados a trocar de modalidade após o término do bimestre/trimestre. Os clubes esportivos oferecem diferentes atividades como: esportes coletivos, individuais,

dança, caminhada, musculação, ginástica, lutas, etc. Os alunos optam por uma delas para praticar em um bimestre ou trimestre podendo no final deste escolher outra atividade ou continuar participando do mesmo clube.

Foram escolhidas escolas localizadas em diferentes regiões da cidade, sendo elas: a Escola Militar de Santa Maria, a Escola Estadual Margarida Lopes e a Escola Estadual Maria Rocha. Estas escolas foram selecionada para ser o palco deste estudo pois atenderam de forma satisfatória todos os critérios exigidos pela pesquisa.

Com isto, a amostra foi constituída de jovens estudantes do ensino médio das redes públicas de ensino da cidade de Santa Maria – RS. Participaram do estudo 362 estudantes de ambos os sexos, sendo do sexo masculino 187 e do sexo feminino 175, oriundos de diferentes classes sociais, com idades entre 14 e 20 anos, e média de idade de $16,95 \pm 1,06$, em três escolas de ensino médio da cidade, durante o segundo semestre letivo de 2004.

3.4 – Procedimentos

Primeiramente foi feito um contato prévio com as escolas que fizeram parte deste estudo para apresentá-lo à direção e posteriormente aos professores de educação física e assim, foi solicitada autorização por escrito para sua realização. Os instrumentos foram aplicados nos horários em que as turmas praticavam aula de educação física, contando com a ajuda de outros acadêmicos que auxiliaram juntamente com o professor responsável pela turma para facilitar o andamento das coletas. Durante a aplicação dos instrumentos teve-se o cuidado para que não fossem deixadas questões sem preenchimento pelos alunos. Os questionários foram aplicados e recolhidos no mesmo dia, não sendo os mesmos levados para a casa. As respostas foram individuais, de acordo com as suas experiências e vivências dentro e fora das aulas de educação física (modalidades praticadas).

3.5 – Instrumentos

Questionário de Orientação Motivacional no Desporto (QOMD) - É uma versão traduzida e adaptada para a língua portuguesa (Goulart, 2005) do "*Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire*" desenvolvido por Duda (1989). Este instrumento pretende avaliar a orientação motivacional para a tarefa e/ou para o ego, em contextos desportivos, tendo por base o modelo teórico motivacional de Nicholls (1989). Mais concretamente, este questionário é constituído por 13 itens que refletem uma orientação motivacional para a tarefa ou para o ego, relativamente à percepção de sucesso e êxito no desporto. Este questionário se encontra no anexo 1.

Os itens encontram-se distribuídos por duas sub-escalas: a) orientação para a tarefa (7 itens) e b) orientação para o ego (6 itens). Os itens são respondidos optando por uma única alternativa, numa escala do tipo Likert de 5 pontos (1 discordo totalmente a 5, concordo totalmente).

Como exemplo de questão que representa o ego:

Eu me sinto realmente com sucesso quando eu sou o melhor de todos.

Como exemplo de questão que representa a tarefa:

Eu me sinto realmente com sucesso quando eu consigo me esforçar muito durante os treinos.

Questionário de Avaliação das Experiências Esportivas e Sentimento de Abandono – É um questionário que contém questões de forma fechada e semi-aberta. As questões fechadas são a primeira parte do questionário e diz respeito às experiências esportivas. As questões semi-abertas do questionário vêm logo a seguir e possuem 3 perguntas objetivas de acordo com a escala Likert, mas que deverão ser justificadas. Elas são referentes à vontade que se tem de continuar ou não praticando atividades esportivas. Este questionário refere-se às experiências vivenciadas pelos adolescentes na educação física e fora dela, ao tempo de prática e a presença de sentimento de abandono no esporte. Para sua validação, o questionário elaborado passou pela avaliação de especialistas da área considerando-se os critérios validade e clareza. Em um segundo momento, aplicou-se o mesmo para um grupo de jovens escolares que possuíam as mesmas características da amostra desta pesquisa. Com isto, o questionário foi aprovado,

sem que nenhuma alteração fosse necessária. Este questionário se encontra no anexo 2.

3.6 – Tratamento Estatístico

As análises feitas neste estudo foram: freqüência, qui-quadrado, média, desvio-padrão, correlações de Pearson e Spearman, o teste U de Mann – Whitney, ANOVA de Kruskal – Walis com post-hoc de Bonferroni e coeficiente alfa de Cronbach. Através do Alfa de Cronbach foi verificada a consistência interna dos dois fatores (ego e tarefa) e das três perguntas analisadas do questionário de sentimento de abandono. Foi adotado como nível de significância $p < 0,05$ e todos os dados foram analisados no programa estatístico SPSS 8.0 for Windows.

Os valores de Alpha de Cronbach para as orientações ego e tarefa (0,80 e 0,78 respectivamente) demonstram a consistência interna dos dois fatores para a realização da pesquisa. Para o questionário de sentimento de abandono, os três itens analisados apresentaram um Alpha de Cronbach de 0,63.

Para a análise das diferenças existentes de acordo com diferentes idades, os resultados foram agrupados em 3 faixas etárias diferentes, dos 14 - 15 (64 alunos), dos 16 - 17 (245 alunos) e dos 18 - 20 (53 alunos).

Para a análise das diferenças existentes de acordo com o tempo de prática, os resultados foram agrupados em 4 tempos diferentes, de 6 a 11 meses, de 12 a 23 meses, de 24 a 35 meses e 36 meses ou mais.

Para a análise do número de modalidades praticadas, os resultados foram separados em 4 grupos diferentes, apenas 1 modalidade, 2 modalidades, 3 modalidades e 4 ou mais modalidades.

IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados abaixo se encontram em tabelas com uma breve interpretação e descrição de seus dados. As duas primeiras tabelas irão apenas mostrar o perfil da amostra em relação à diversidade de experiências esportivas quanto ao tipo e ao número de modalidades praticadas e as demais estarão relacionadas com as metas de orientação.

Tabela 1 – Diversidade de modalidades praticadas em relação ao tipo

TIPO DE MODALIDADE	FREQÜÊNCIA	PERCENTUAL
INDIVIDUAIS	123	34
COLETIVAS	53	14,6
MISTA	186	51,4
TOTAL	362	100

A Tabela 1 nos mostra os tipos de modalidades (coletivas, individuais e mistas), onde se pode observar que são mais praticadas modalidades mistas (coletivas e individuais) com 51,4%, seguida de esportes individuais com um percentual de 34%.

Tabela 2 – Diversidade de modalidades praticadas em relação ao número

NÚMERO DE MODALIDADES	FREQÜÊNCIA	PERCENTUAL
1	122	33,7
2	102	28,2
3	64	17,7
4	41	11,3
5	23	6,4
6	5	1,4
7	3	0,8
8	1	0,3
10	1	0,3
TOTAL	362	100

A Tabela 2 nos mostra o número de modalidades praticadas pelos escolares (1-10), onde se pode observar que a frequência maior está na prática de apenas uma modalidade esportiva com percentual de 33,7%. O aumento do número de modalidades se mostra inversamente proporcional com a frequência de participação.

Tabela 3 - Predominância da meta de orientação

Eu me sinto realmente com sucesso quando...		MÉDIA	DESVIO		
			PADRÃO	MODA	% MODA
EGO	Q.1 eu sou o único que posso realizar uma determinada tarefa	2,51	1,17	2	31,2
	Q.3 eu tenho um desempenho melhor do que meus companheiros	2,81	1,13	3	37,8
	Q.4 os outros colegas do meu grupo não conseguem ter um desempenho tão bom quanto o meu	2,17	1,02	2	39,5
	Q.6 os outros têm um mau desempenho e eu não	2,15	1,06	1	32,9
	Q.9 eu sou "o" atleta que consegue o melhor desempenho	2,46	1,18	2	30,9
	Q.11 eu sou o melhor de todos	2,14	1,18	1	38,1
	TAREFA	Q.2 eu aprendo uma nova técnica e isto me faz querer treinar mais ainda	3,90	0,96	4
Q.5 eu aprendo uma nova técnica e me divirto fazendo		4,17	0,86	4	43,6
Q.7 eu aprendo uma nova técnica por meio de persistência e treinamento		4,04	0,96	4	39,5
Q.8 eu consigo me esforçar muito durante os treinos		3,73	0,97	4	46,1
Q.10 algo novo que aprendo me faz querer treinar ainda mais		3,86	0,90	4	46,7
Q.12 uma técnica que aprendi eu sinto que está realmente correta		3,52	0,93	3	38,4
Q.13 eu consigo ter o meu melhor desempenho durante uma competição importante		3,75	1,15	5	33,4

A Tabela 3 nos mostra o perfil motivacional dos escolares, onde se pode notar que as médias para as questões de orientação para a tarefa são maiores que as

médias das questões de orientação para o ego. Portanto, a maior parte da amostra é representada por uma elevada orientação para a tarefa.

Tabela 4 – Meta de orientação e a relação com o sexo dos escolares

EGO	SEXO	N	MÉDIA DO	
			RANQUE	P
	MACULINO	187	205,44	0,000
	FEMININO	175	155,92	
	TOTAL	362		

TAREFA	SEXO	N	MÉDIA DO	
			RANQUE	P
	MACULINO	187	188,95	0,160
	FEMININO	175	173,54	
	TOTAL	362		

A Tabela 4 apresenta o comportamento das médias para as questões de ego e tarefa agrupadas por sexo, onde se observa que as médias do sexo masculino foram maiores tanto na orientação para o ego quanto na orientação para a tarefa. No entanto, a orientação para a tarefa não apresentou diferença significativa e a orientação para o ego à diferença entre os sexos foi estatisticamente significativa ($p < 0,05$).

Tabela 5 - Meta de orientação e a relação com as faixas etárias

EGO	IDADES	N	MÉDIA DO	
			RANQUE	P
	14 - 15	64	192,40	0,513
	16 - 17	245	181,12	
	18 - 20	53	170,09	
	TOTAL	362		

TAREFA	IDADES	N	MÉDIA DO	
			RANQUE	P
	14 - 15	64	163,98	0,115
	16 - 17	245	181,15	
	18 - 20	53	204,28	
	TOTAL	362		

A Tabela 5 refere-se à diferença de idade conforme a orientação para o ego e para a tarefa. Pode ser observado que as médias na orientação para o ego diminuíram com o aumento da idade, ou seja, uma tendência de se tornarem menos ego. E o contrário ocorre com relação à orientação para a tarefa, onde as médias aumentam com o aumento das idades, ou seja, uma tendência de se tornarem mais tarefa. Podemos perceber também que as médias mais altas para o ego se encontram entre os 14 e 15 anos e para a tarefa entre os 18 e 20 anos. No entanto, esse comportamento não apresentou diferenças significativas para nenhuma das duas orientações.

Tabela 6 – Meta de orientação e a relação com o tempo de prática

EGO	TEMPO DE PRÁTICA	N	MÉDIA DO RANQUE	P
	6 – 11 MESES	31	162,81	0,320
	12-23 MESES	48	185,96	
	24-35 MESES	89	168,66	
	36 MESES	194	189,28	
	TOTAL	362		

TAREFA	TEMPO DE PRÁTICA	N	MÉDIA DO RANQUE	P
	6-11 MESES	31	161,48	0,253
	12-23 MESES	48	189,74	
	24-35 MESES	89	167,46	
	36 MESES	194	189,10	
	TOTAL	362		

A Tabela 6, referente ao tempo em que os escolares praticaram esportes, nos mostra que a maioria pratica a pelo menos 3 anos. Porém, não existe diferença estatisticamente significativa entre a meta de orientação para o ego e para a tarefa e o tempo de prática esportiva.

Tabela 7 – Meta de orientação e a relação com as experiências em competição

EGO	EXPERIÊNCIA EM COMPETIÇÃO	N	MÉDIA DO	
			RANQUE	P
	NÃO PARTICIPOU	68	167,77	0,485
	PARTICIOU NA ESCOLA	87	184,62	
	PARTICIOU FORA DA ESCOLA	207	184,70	
	TOTAL	362		
TAREFA	EXPERIÊNCIA EM COMPETIÇÃO	N	MÉDIA DO	
			RANQUE	P
	NÃO PARTICIPOU	68	154,80	0,002
	PARTICIOU NA ESCOLA	87	163,59	
	PARTICIOU FORA DA ESCOLA	207	197,80	
	TOTAL	362		

Na Tabela 7, referente às experiências em competição e a orientação motivacional, nota-se que a grande maioria dos escolares já participou de competição dentro e/ou fora da escola. Na orientação para a tarefa a maior média foi para quem participou de competição fora da escola. Na orientação para o ego a maior média foi para quem participou dentro e fora da escola quando comparado com quem não participou de competição. Apesar deste comportamento, somente na orientação para a tarefa apresentaram-se diferenças significativas ($p < 0,05$).

Tabela 8 - Meta de orientação e o sentimento de abandono na correlação de Pearson

		EGO	TAREFA	SENT. DE ABANDONO
EGO	r	1,000	0,205**	0,064
	P		0,000	0,222
TAREFA	r	0,205**	1,000	0,454**
	P	0,000		0,000
SENT. DE ABANDONO	r	0,064	0,454**	1,000
	P	0,222	0,000	

** A correlação é significativa para $p < 0,05$.

Na Tabela 8, os valores de correlação entre si da orientação para a tarefa e para o ego são muito fracos, o que já era esperado, demonstrando a consistência do instrumento. Quando observados em relação aos sentimentos de abandono, pode-se notar que os valores de correlação não associam de forma consistente essas variáveis. Apesar de serem significativos, o valor da correlação é muito fraco. Esses resultados também foram encontrados na correlação de Spearman, onde os valores de correlação em relação às orientações ego e tarefa foram de 0,210. O sentimento de abandono quando relacionado com a orientação para a tarefa foi de 0,398 e quando relacionado com a orientação para o ego foi de 0,092.

Tabela 9 – Frequência e percentual de sentimento de abandono

SENT. DE ABANDONO	FREQUÊNCIA	PERCENTUAL
SIM	27	7,5
NÃO	318	87,8
NEUTRO	17	4,7
TOTAL	362	100

A Tabela 9 nos mostra que a grande maioria (318) dos escolares deste estudo não apresenta sentimento de abandono, com um percentual de 87,8%. Apenas 27 escolares apresentaram sentimento de abandono (7,5%) e 17 foram considerados neutros (4,7%).

Tabela 10 – Meta de orientação e a correlação com o tipo de esporte praticado

EGO	TIPO DE ESPORTE	N	MÉDIA DO RANQUE	P
	COLETIVOS	123	184,56	0,120
	INDIVIDUAIS	53	154,36	
	COLETIVOS / INDIVIDUAIS	186	187,21	
	TOTAL	362		
TAREFA	TIPO DE ESPORTES	N	MÉDIA DO RANQUE	P
	COLETIVOS	123	184,39	0,006
	INDIVIDUAIS	53	139,68	
	COLETIVOS / INDIVIDUAIS	186	191,50	
	TOTAL	362		

Na Tabela 10, onde os tipos de esportes foram divididos em coletivos, individuais e coletivos / individuais, pode-se notar que são mais praticadas modalidades coletivas quando comparadas com individuais. As maiores médias na orientação para o ego se encontram nos esportes coletivos e esportes coletivos/individuais e a menor média nos esportes individuais. No entanto, esta diferença não foi significativa para esta orientação. Na orientação para a tarefa a diferença entre os tipos de esportes praticados foi estatisticamente significativa ($p < 0,05$) e a maior média foi encontrada nos esportes coletivos quando comparado com individual. Para modalidades coletivas / individuais a média foi ainda maior.

Tabela 11 – Meta de orientação e a correlação com o número de modalidades esportivas

EGO	NÚMERO DE MODALIDADES	N	MÉDIA DO RANQUE	P
	UMA	122	167,10	0,233
	DUAS	102	183,44	
	TRÊS	64	187,50	
	QUATRO OU MAIS	74	197,37	
	TOTAL	362		

TAREFA	NÚMERO DE MODALIDADES	N	MÉDIA DO RANQUE	P
	UMA	122	160,06	0,026
	DUAS	102	198,40	
	TRÊS	64	178,66	
	QUATRO OU MAIS	74	196,02	
	TOTAL	362		

A Tabela 11, referente ao número de modalidades foi dividida em 1, 2, 3 e 4 ou mais. Sendo que se apresentou uma maior prática em apenas 1 modalidade, seguida de 2 modalidades. Apesar da média do ego ser maior para quem pratica 4 ou mais modalidades, esta não foi estatisticamente diferente. Em relação à tarefa a diferença foi significativa ($p < 0,05$) e a média maior foi para quem pratica 2 modalidades, seguida de 4 ou mais, 3 modalidades e apenas 1 modalidade, que apresentou a média mais baixa.

V – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A meta de orientação tem sido avaliada e aceita como uma nova perspectiva na psicologia do esporte. Estudos mostraram que ela pode prever, de uma maneira consistente, crenças sobre as causas de sucesso em atividade física, os propósitos de envolvimento nos contextos esportivos, atitudes de espírito esportivo e comportamento, além dos motivos de participação (DUDA, 1992, NUNNALLY, 1978).

As características dos jovens deste trabalho apresentaram médias mais elevadas para as questões do instrumento relacionadas à orientação para a tarefa. Muitos estudos mostram que os jovens procuram a prática esportiva em busca de objetivos mais relacionados à orientação para a tarefa, como diversão e lazer do que relacionados a orientação para o ego como a competição e a busca de resultados (PONSETI, 1998; GOULD apud GAYA & CARDOSO, 1998; SCALON, BECKER JR. e BRAUNER, 1999; PAIM, 2001; SCALON, 1998).

Segundo estes autores os motivos que definem as atividades desportivas são para: melhorar as habilidades, passar bem, vencer, vivenciar emoções, desenvolver o físico e o bem estar. Também como principal fator motivacional pela procura da prática esportiva aparece à busca da ludicidade, divertimento e aprimoramento de suas habilidades motoras. Portanto, o que interessa não é a vitória contra um adversário, mas sim o progresso pessoal.

Os estudos de Gill (1988), Gonçalves (1999) e Lee (1999) nos mostram que os jovens no contexto esportivo priorizam principalmente objetivos relacionados com a melhora de desempenho, com a melhora de seus níveis de execução e a prática em busca de prazer, deixando assim, em segundo plano, a busca de resultados em si. Desta maneira, estes jovens apresentam características de orientação predominantemente voltada para a tarefa, onde o vencer e o ter sucesso no esporte não foi considerado como o mais importante.

Os atletas no contexto competitivo podem variar muito em relação à adoção da meta de orientação. Gill (1988) em seu estudo sugere que a maioria dos atletas possui uma orientação que prioriza melhorar seus próprios desempenhos (orientação para a tarefa) quando comparada com uma orientação que vise à vitória

(orientação para o ego). Na prática desportiva juvenil, mais do que o resultado em si, os jovens dão privilégio à melhoria de seus níveis de execução. Gonçalves (1999) nos mostra em seu estudo que o “resultado” e “o terem sucesso”, ficou em 2º lugar na lista de objetivos citados. Como 5º objetivo mais referido aparece participarem em competições, terem oportunidade de mostrar as suas habilidades motoras e compará-las com os “outros”. Demonstrando assim, uma orientação mais voltada a tarefa do que ao ego.

Em outro estudo realizado no sentido de procurar saber aquilo que os jovens consideram importante no desporto (Lee, 1999), vencer foi referido por cerca de 95% dos entrevistados. Se estabelecermos uma hierarquia nos aspectos referidos, verificamos que vencer se situa no último lugar, no final da lista. Para eles, o elemento determinante é o prazer que tiram da atividade. Logo a seguir surge o sucesso pessoal, sem que isso queira dizer que pretendem ser melhor que os outros, mas apenas fazer melhor do que antes conseguiam. Através destes resultados, podemos perceber uma demonstração maior na orientação para a tarefa do que para o ego.

Os resultados encontrados quando se buscou compreender o papel do gênero sobre as metas de orientação mostram que o sexo pode explicar a diferença no ego, mas não na tarefa. Os valores observados neste estudo nos mostram uma tendência aos indivíduos do sexo masculino a terem valores mais elevados para orientação ego, sendo essa diferença estatisticamente significativa ($p < 0,05$). Em relação ao que se pode observar nesta afirmativa, independente da meta de orientação que prevaleça, há uma evidência que existe diferença na orientação entre os sexos (Biddle, 1993). Confirmando esta hipótese, outros estudos encontraram resultados semelhantes (BRAATHEN & SVEBAK, 1992; CERVELLÓ, ESCARTÍ e BALAGUÉ, 1999; KAVUSSANU & ROBERTS, 1996 e WHITE & DUDA, 1994).

No geral, verificou-se que os indivíduos do sexo feminino concordam mais do que os do sexo masculino, em demonstrarem atitudes respeitantes ao espírito esportivo, revelando assim uma menor orientação para o ego (Fernandes, et al., 2003). Os homens concordaram mais que as mulheres em itens relacionados com condutas antidesportivas e orientação para o ego.

Os resultados observados neste estudo quanto à diferença entre os sexos pode ter a influência de um processo de socialização originado ainda na infância, conforme sugere Nicholls (1992). Fatores estruturais para orientação motivacional

irão emergir em análises diferenciadas separadamente para meninos e meninas (Nicholls, 1992), sendo que os meninos tendem a demonstrarem maior habilidade no contexto competitivo do que as meninas (Cervelló, Escartí e Balagué, 1999). Conseqüentemente, eles possuem uma orientação maior para o ego que elas, especialmente quando o nível de competição envolvido é mais elevado (DUDA, 1989; WHITE & DUDA, 1994; KAVUSSANU & ROBERTS, 1996; CERVELLÓ et al., 1999; CARR & WEIGAND, 2001; ROSE & LARKIN, 2002).

Para compreender os comportamentos associados ao gênero no contexto esportivo, é fundamental ter em conta as diferenças culturais, bem como também, as expectativas da sociedade respeitante à sua participação (Weinberg & Gould, 1997 apud FERNANDES, et al., 2003). Possivelmente se possa inferir que, em relação ao gênero masculino e feminino, os aspectos culturais possam explicar as diferenças encontradas. Estudos realizados por Gaya & Torres (1996), sobre hábitos de vida nessas populações têm demonstrado que os estímulos para as práticas desportivas, tanto de pais como de professores, são menores para as meninas; o próprio comportamento dos pais em relação aos filhos homens e mulheres no que tange ao rendimento desportivo são claramente diferenciados. Em estudo sobre a participação dos pais na vida esportiva dos filhos (Simões, et al., 1999) observou-se não haver relações estatisticamente significativas das variáveis estudadas entre o papel da mãe e o fato do jovem atleta ser garoto ou garota; já em relação ao papel do pai foram verificadas influências significativas nas variáveis de nível de exigência para a prática esportiva e nível de exigência para tornar-se um bom atleta. Os resultados sugerem uma exigência maior do pai em relação ao filho do que da filha. Desta forma, pais, professores, e técnicos são determinantes nos valores, perspectivas e comportamento que irão ser importantes fatores de impacto na motivação e participação no esporte e atividade física em crianças e adolescentes.

O comportamento das médias para as faixas etárias observadas neste estudo (14-15, 16-17 e 18-19-20) assemelha-se com resultados de outros estudos referentes à idade. No entanto, para este estudo a idade não se apresentou como uma variável estatisticamente significativa para nenhuma das orientações. Tendo em conta principalmente à faixa etária dos participantes mais jovens, verifica-se que estes possuem uma orientação elevada para o ego. Nesta faixa etária (14-15), a importância da comparação com a prestação dos companheiros surge como uma

das únicas formas de determinar e perceber os seus níveis de competência e sucessivamente, sucesso.

Em estudos feitos relacionados à idade, conforme revisão de Knijnik & Greguol (2002), foi encontrado que crianças mais novas motivam-se principalmente por fatores externos, como reforço de parentes, “status” e sucesso. Já adolescentes demonstram uma motivação mais intrínseca, voltada para o aspecto de auto-superação, desenvolvimento das próprias habilidades e melhora da condição física. Esses fatores externos podem ser relacionados à orientação voltada para o ego, enquanto aspectos de auto-superação são características encontradas em sujeitos orientados para a tarefa.

Os valores das médias encontradas neste estudo mostram um aumento da orientação para a tarefa com o aumento da idade. Estes valores sugerem que indivíduos em um contexto esportivo têm, com o aumento da idade, a tendência a ter uma orientação mais elevada para a tarefa, o que representa um conceito de habilidade percebida baseado na melhora de seus rendimentos. O contrário pode ser percebido na orientação para o ego. A relação negativa entre a idade e a orientação para o ego sugere que, à medida que os alunos amadurecem, possuem uma menor orientação para o ego, o que, segundo Fernandes, et al. (2003) é consequência da utilização cada vez menor da comparação normativa para definição dos seus níveis de competência e capacidades.

Uma explicação para este comportamento segundo Muller (1998) é que existem duas tendências de estruturas cognitivas. Uma delas é a estrutura inata e a outra a estrutura construtiva. A primeira, com características já existentes e estruturadas e a segunda na qual se acredita que as estruturas vão sendo gradualmente construídas com base na forma ativa pelas quais os indivíduos lidam com o meio ambiente. De acordo com o aumento da idade podemos mudar nosso comportamento, com isso os objetivos também se diferenciam, podendo assim a meta de orientação ser modificada.

No estudo de Fernandes, et al. (2003), os alunos dos 13 aos 15 anos, assumem-se como sendo aqueles que mais concordam com atitudes antidesportivas em aulas de Educação Física, revelando assim maiores níveis de orientação para o ego. Concordando com estes resultados, também encontramos uma maior média na orientação para o ego nas idades de 14 e 15 anos quando comparada com as faixas etárias de 16 - 17 e 18 - 19 - 20. Desta forma, sugere-se que na faixa etária dos 13

aos 15 anos, exista uma maior comparação destes indivíduos com os seus companheiros, devido às constantes mudanças maturacionais e de fatores emocionais (pertença a diferentes grupos, criação de novas amizades,...). É importante salientar que o surgimento desta comparação serve de referência para determinação e percepção dos seus níveis de competência e conseqüentemente seu sucesso. Os alunos sentem uma necessidade de se destacarem, recorrendo para tal a uma comparação de competências. Por isso, os adolescentes mais jovens se motivam por fatores externos que podemos relacionar com a orientação voltada para o ego.

Quando se buscou compreender se o tempo de prática em atividades esportivas explica a meta de orientação adotada pelos jovens, não foi encontrado nenhum resultado significativo nas orientações. O fato de praticar por um tempo menor (6 meses) ou por um tempo mais prolongado (3 anos) não fez com que se tenha uma orientação com maior tendência ao ego ou a tarefa. Quem possui menor tempo de prática (6-11 meses), possui médias mais baixas em ambas as orientações. O mesmo ocorre com quem tem maior tempo (3 anos), também apresenta maior média nas duas orientações. O que pode justificar este aumento de médias para quem possui um maior tempo de prática, segundo Ponseti et al. (1998) é que os adolescentes com níveis elevados de prática esportiva dão maior importância ao esporte, possuem motivos de prática diferentes e atitudes mais favoráveis no desporto tanto de lazer como de competição.

O comportamento relacionado à orientação motivacional e o papel das experiências competitivas mostram resultados somente significativos na orientação para a tarefa. Quanto mais experiência em competição (escola/fora da escola) mais elevada às médias de orientação para tarefa. Para quem teve experiências em competir num ambiente fora da escola, a média nesta orientação se apresentou maior do que para quem competiu somente na escola. Nas duas orientações as médias mais baixas são para quem não participou de competição, o que sugere que participar de experiências competitivas parece aumentar a média tanto no ego como na tarefa. Isso pode ser explicado pelo fato da competição esportiva proporcionar um envolvimento que irá oportunizar aos participantes terem mais elementos para julgar seus resultados. O fato de conhecer seus resultados pode fazer com que os participantes exijam mais de si mesmo, de seu desempenho.

Segundo Cardoso (1994), jovens que praticam esporte em escolinhas e os que participam de competições valorizam mais a competência esportiva, enquanto que os adolescentes praticantes de esporte apenas nas aulas de educação física valorizam mais os motivos relacionados com os aspectos relativos à saúde, à amizade e lazer. Marques (2004) diz que as crianças devem participar num grande número de atividades competitivas, desde que estas estejam ajustadas às suas possibilidades.

Em um estudo de Gonçalves (1999), que teve como objetivos prioritários identificar os valores expressos pelos jovens em diferentes situações competitivas e estabelecer a comparação desses valores entre os praticantes e os não praticantes esportivos de acordo com o sexo e a idade, mostra que os jovens com maior número de anos de experiência competitiva apresentaram-se como o grupo que mais facilmente adotaria comportamentos antidesportivos. Quanto mais anos de experiência competitiva, mais elevada à orientação para o ego, confirmando os resultados de vários estudos conduzidos quer na Europa quer nos Estados Unidos. Também, White & Duda (1994) relatam em seu estudo, onde os participantes do grupo com maior nível de competitividade foram significativamente mais ego-orientados que os participantes com menor nível de envolvimento.

Contraopondo esses achados, Winterstein (2002) faz uma comparação entre as características dos indivíduos orientados para tarefa e as suas expectativas de êxito no esporte, o autor encontrou em seus resultados que os indivíduos com uma orientação para a tarefa são mais competitivos e também são mais persistentes na prática esportiva. Em relação aos estudos com indivíduos que possuem orientação para a tarefa, têm-se demonstrado que eles tendem a nutrir a motivação intrínseca no esporte (Duda, 1992), estão mais ligados a experiências no esporte competitivo (Mills, 1996) e relatam maior satisfação no esporte competitivo (Roberts, Treasure e Kavussanu, 1996). Também estes indivíduos apresentam maior nível de motivação, trabalham mais, aprendem mais depressa e são mais competitivos quando comparados com os que apresentam uma orientação para o ego, que possuem baixo nível de motivação.

De acordo com a literatura, podemos perceber que ainda não é claro os resultados existentes a cerca das experiências competitivas e a orientação motivacional. A este respeito, os estudos demonstram ainda não haver um consenso em seus resultados, visto que ambas as orientações apresentam relações com as

experiências em competição. Neste estudo, também encontramos tanto a orientação para a tarefa quanto para o ego com médias elevadas para os indivíduos que participam em competições. Ainda, concordando com estes resultados, Duda (1996) menciona que trabalhos passados, dentro desta área, têm mostrado que tanto indivíduos que são fortemente orientados para a tarefa como aqueles que são orientados para o ego no esporte valorizam a vitória, e ainda apresentam correlações significativas com medidas de competitividade no esporte.

Quando caracterizamos as metas de orientação relacionando ao sentimento de abandono, os resultados apresentam uma correlação com a orientação na tarefa, que embora significativa, foi muito fraca. Na Tabela 7 onde foi apresentada a frequência de sentimento de abandono, quase 90% dos escolares não demonstraram sentimento de abandono e a orientação predominante desta amostra foi relacionada à tarefa. Portanto, sugere-se que os escolares que apresentaram sentimento de abandono (7,5%) também apresentem uma orientação para a tarefa e isto fez com que a correlação fosse significativa. Isto pode ser explicado pelo fato que na orientação para a tarefa os indivíduos se percebem mais competentes o que faz com que o sentimento de abandono seja evitado (NICHOLLS, 1992).

Este resultado observado contrapõe os da literatura que apontam na direção do abandono esportivo estar relacionado com a orientação no ego. Existe uma relação entre a orientação no esporte e a permanência e abandono esportivo. Duda (1989) constatou que atletas que se orientavam em direção à auto-superação permaneceriam mais tempo praticando o esporte selecionado. A orientação para a competição ou a vitória dentro do esporte, afeta a persistência na prática da atividade esportiva, tendendo assim ao abandono, já a orientação para a superação possui um efeito de incrementar a persistência na atividade.

Jagacinski & Nicholls (1990) colocam que indivíduos que possuem uma orientação para a tarefa apresentam comportamentos que conduzem a uma habilidade adquirida em longo prazo e com muito investimento, assim como trabalho sério e ético, dentro de uma ótima performance e muita persistência. Em contrapartida, indivíduos orientados para o ego tendem a ser mais inseguros, reduzem seus esforços, param de tentar, alegam falta de interesse quando comparados com indivíduos orientados para a tarefa. Os mesmos ainda escolhem desafios extremos para uma atividade e, como consequência, possuem um desempenho prejudicado, vindo a abandonar as atividades.

O problema do abandono dos jovens pode ser analisado através da relação dos seus objetivos que podem ser influenciadores no processo de desistência e que assim fazem com que os praticantes percam a motivação e o interesse pela prática esportiva (Vieira & Vieira, 2001). Durante a fase da adolescência, os jovens passam por mudanças neurofisiológicas que podem fazê-los perder o interesse em esportes e atividades físicas por não conseguirem manter a maestria nas destrezas requeridas. A saída da escola coincide com o abandono maciço da prática desportiva, devido a múltiplos fatores que dependem de variáveis psicológicas e sócio-pessoais (Mendoza, et al., 1988, 1992 apud PONSETI et al., 1998). Revisando-se criticamente a literatura das teorias existentes dos estudos realizados com o tema, Scalon (1998) observou que normalmente o abandono, nas diversas modalidades esportivas competitivas, individuais ou coletivas, ocorre entre os 12 e 17 anos de idade, por ambos os sexos. Outro aspecto importante referido por Weiss & Horn (1990), coloca que avaliações baixas de habilidade física provavelmente levam ao desgaste na participação juvenil esportiva, enquanto que alto nível de habilidade, provavelmente, motiva-a a continuar sua participação nos esportes. Os adolescentes que integram os níveis mais elevados de prática esportiva manifestam em maior medida seu desejo de não abandoná-la, o contrário ocorre com um número elevado de pessoas que tem intenção de abandonar a prática esportiva, estes são pertencentes ao grupo de jovens com um nível baixo de prática (PONSETI et al., 1998).

A relação entre abandono esportivo e contexto competitivo deve ser evidenciada, visto que um dos motivos que levam crianças e adolescentes ao abandono da prática esportiva ocorre devido à ênfase do programa, ou seja, a alta competitividade do ambiente. Vieira & Vieira (2001) têm demonstrado que, de certa forma, não são as crianças ou os talentos que abandonam o contexto esportivo competitivo, mas sim, o contexto esportivo competitivo que abandona as crianças ou talentos, devido à falta de conhecimento, indevido uso do tempo vital, valorização social e suporte humano e financeiro que crianças precisam para o pleno desenvolvimento em sua área de maestria. Então, pode-se inferir que como o presente estudo foi realizado num ambiente de esporte escolar, onde a competição não é o elemento principal e sim a aprendizagem, participação e socialização, os resultados para sentimento de abandono entre os adolescentes quase não ocorreram.

Outro aspecto que deve ser ressaltado é que a literatura nos mostra estudos relacionados com o abandono esportivo e não com sentimento de abandono. Abandonar o esporte é algo que já aconteceu e sentir vontade ou apresentar sentimentos que poderão levar ao abandono é um estado atual, um momento, é pensar em desistir, ou seja, pode não ocorrer. Essa diferença de conceitos nos faz perceber que vontade de abandonar não é o mesmo que abandonar e pode ter sido esta diferença de conceitos o fator resultante de uma correlação apresentada neste estudo com um nível significativo muito baixo.

O crescente envolvimento dos indivíduos de todas as idades e sexos na prática desportiva é notório, fato que torna necessário e útil conhecer as razões pelas quais escolhem determinadas atividades (Cid, 2002). Os escolares deste estudo praticam mais modalidades coletivas quando comparadas com modalidades individuais. Fernandes et al. (2003), também encontrou em seu estudo quanto à atividade esportiva extracurricular que os alunos praticantes apresentavam valores mais elevados quanto à prática para modalidades esportivas coletivas (42,2%) do que para modalidades individuais (6,9%).

Buscando compreender se as experiências em modalidades individuais e/ou coletivas no esporte exercem influência na orientação motivacional, os esportes foram divididos em três grupos de acordo com o tipo de experiência vivenciada pelos praticantes. Um dos grupos era referente à prática de modalidades coletivas, o outro de modalidades individuais e o terceiro constituía-se de modalidades coletivas e individuais. Os resultados mostraram que tanto ego como tarefa apresentam médias altas para esportes coletivos e coletivos / individuais, acreditando-se assim, que os esportes coletivos instigam mais tanto ego como tarefa. Nas duas orientações as médias foram maiores onde os esportes coletivos apareceram e menores nos esportes individuais (principalmente na orientação para a tarefa). Essa diferença entre o tipo de experiência esportiva, somente foi significativa na orientação para a tarefa. Isto infere que os praticantes de modalidades individuais apresentam uma tendência menor a orientar-se para a tarefa quando comparada com as modalidades coletivas e coletivas / individuais que possuem uma tendência de orientação maior para a tarefa.

Apesar de muitas atividades esportivas serem feitas de forma isolada, algumas requerem necessariamente a interação com os outros. Os esportes coletivos trabalham a interação com companheiros da mesma idade e contribuem

para o desenvolvimento do espírito de cooperação e das relações de cooperação, buscando a ajuda na aprendizagem. Afinal, para um time vencer é necessária a colaboração de todos.

Nos esportes individuais, a responsabilidade é toda da criança. O resultado é consequência do que ela conseguiu realizar sozinha. Os êxitos podem contribuir para o aumento da auto-estima e da autoconfiança, e os fracassos tendem a levar a uma situação oposta. Individualmente, uma derrota pode ser muito dolorida (Lima, 2005). Em um estudo feito por Scalon (1998) os sujeitos que praticavam esportes individuais apresentaram maior número de abandono do que os sujeitos praticantes de esportes coletivos.

Vieira (2002) em seu estudo referente à percepção de competência de jovens atletas e seus motivos para a prática esportiva encontrou nos esportes coletivos relação com os motivos de afiliação e desenvolver habilidades, enquanto os esportes individuais apresentaram uma forte relação com os motivos de excitação/desafio. Face aos resultados encontrados em seu estudo, o mesmo autor acredita que os atletas dos esportes coletivos, em termos globais, relacionam sua percepção de competência aos motivos ligados à aptidão. Ou seja, esses atletas buscam motivos como ficar em forma, estar fisicamente apto e fazer exercícios, como forma de se sentirem mais valorizados como atletas e seres humanos. Esses motivos são características de sujeitos orientados para a tarefa, ou seja, nos esportes coletivos a motivação para a prática se apresentou ligada às características referentes aos valores que não os de rendimento.

Ainda, outro resultado do estudo de Vieira (2002) foi que os motivos de afiliação (estar com amigos, gostar de trabalhar em equipe, gostar de espírito de equipe, pertencer a uma equipe); os motivos de sucesso e status (gostar de vencer, gostar de fazer o que é bom, gostar de recompensas, gostar de se sentir importante, querer ser popular) e os motivos de liberação de energia (extravasar tensão, ganhar energia), foram os que demonstraram diferenças significativas para prática do esporte. Estes valores foram mais relevantes para os atletas dos esportes coletivos. Desta forma, parece que os adolescentes que praticam as modalidades coletivas buscam muito mais o relacionamento com o grupo de amigos e o sucesso/status do que os atletas dos esportes individuais. Também caracterizando que os esportes coletivos necessariamente buscam esta relação com os companheiros de equipe e consequentemente com uma orientação na tarefa.

Quando buscamos compreender o comportamento apresentado para as diferenças entre o número de modalidades praticadas não encontramos diferenças na orientação para o ego, mas pode-se observar que conforme o aumento do número de modalidades praticadas as médias nesta orientação também aumentam. Quem é mais ego orientado é mais envolvido na prática esportiva, ou seja, pratica vários esportes. White & Duda (1994) relatam que os sujeitos que possuem uma maior orientação para o ego, dando ênfase à competição e ao status são mais voltados na participação para o esporte do que os sujeitos orientados para a tarefa, que se motivam a participar para desenvolver habilidades e saúde. Quem pratica quatro ou mais modalidades apresentaram a média mais alta nesta orientação.

Na orientação para a tarefa a média também é alta para quem pratica quatro ou mais modalidades. Porém, nesta orientação não houve um aumento das médias de forma similar, visto que quem pratica duas modalidades tem uma média mais alta, seguida de quatro, três e uma modalidade. Quem pratica apenas uma modalidade tem uma média mais baixa nesta orientação. A etapa escolar coincide com o momento de máxima participação em atividades esportivas (PONSETI et al., 1998).

Desta forma, estes resultados não apresentam de forma clara explicações que possam realmente evidenciar que o número de experiências na prática esportiva é uma variável que influencia na orientação motivacional. Os resultados não foram significativos na orientação para o ego e na orientação para a tarefa embora fossem significativos não inferiram em uma tendência que explicasse as médias apresentadas.

VI – CONCLUSÕES

Durante este estudo que buscou avaliar a relação entre a diversidade de experiências esportivas e a meta de orientação no esporte de jovens envolvidos na prática esportiva escolar, podem-se estabelecer algumas considerações à cerca dos resultados encontrados.

O perfil dos adolescentes deste estudo apresentou características motivacionais relacionadas à orientação para a tarefa. Eles assim possuíam uma tendência de perceber o seu sucesso no contexto esportivo relacionando suas atitudes e desempenhos a uma autocomparação de resultados. Com isto, estes adolescentes possuem seus motivos de envolvimento na prática esportiva mais relacionada com aspectos de ludicidade, divertimento, aprimoramento de suas habilidades motoras e progresso pessoal.

Os jovens esportistas em suas práticas privilegiaram a melhoria de seus níveis de execução mais do que o resultado que poderiam alcançar. Portanto, o que mais interessava não era a vitória contra um adversário. Este comportamento pode ter sofrido a influência do contexto que faziam parte os escolares, onde a ênfase na competição e busca de resultados não era prioridade. Em um contexto mais competitivo a influência em relação à adoção da meta motivacional seria possivelmente diferente, fazendo com que o clima motivacional do ambiente pudesse modificar a percepção de sucesso. Portanto, o trabalho nos mostrou uma demonstração maior destes escolares na orientação para a tarefa do que para o ego. Podendo-se também considerar este resultado pela influência do professor em sua prática pedagógica.

Na busca de compreender o papel do gênero sobre as metas de orientação, encontrou-se neste estudo que o sexo pode explicar a diferença no ego, mas não na tarefa. Os indivíduos do sexo masculino apresentaram uma tendência a terem valores mais elevados na orientação para o ego. Possivelmente se possa inferir que, em relação ao gênero masculino e feminino, os aspectos culturais possam explicar as diferenças encontradas. Desta forma, todos os envolvidos, principalmente os pais, são elementos determinantes na busca que os adolescentes dão aos valores,

perspectivas e comportamentos que serão importantes fatores de impacto na motivação e participação nos esportes e atividades físicas.

No comportamento das idades, a elevada orientação para o ego apresentada nos mais jovens demonstra a conseqüência das constantes mudanças sofridas em função da maturação e também à influência de fatores emocionais (pertença a diferentes grupos, criação de novas amizades,...). Este fato provoca nos alunos uma necessidade de se destacarem, recorrendo para tal a uma comparação de competências. Pode-se observar que nesta faixa etária existe uma maior comparação destes indivíduos com os seus companheiros, é importante salientar que o surgimento desta comparação serve de referência para determinação e percepção dos seus níveis de competência e sucessivamente, sucesso. Os adolescentes mais jovens se motivam por fatores externos que podemos relacionar com a orientação voltada para o ego. Os indivíduos em um contexto esportivo têm, com o aumento da idade, a tendência a ter uma orientação mais elevada para a tarefa e o contrário pode ser percebido na orientação para o ego. Isto representa um conceito de habilidade percebida baseado na melhora de seus rendimentos e infere que os adolescentes mais velhos se motivem em aspectos relativos à auto-superação que são características encontradas em sujeitos orientados para a tarefa.

O fato de praticar atividades esportivas por um curto período de tempo ou por um tempo mais prolongado não fez com que se explicasse ou que houvesse uma diferença relacionada às orientações. Ter uma orientação com maior tendência ao ego ou a tarefa não pode ser considerada resultado de um tempo de experiência esportiva.

O papel das experiências competitivas demonstra que quanto maior a experiência em competição (escola/fora da escola) mais se percebe o sucesso no esporte. Não participar de competição dificulta o julgamento esportivo. Isso pode ser explicado pelo fato da competição esportiva proporcionar um envolvimento que irá oportunizar aos participantes terem mais elementos para julgar seus resultados. O fato de conhecer seus resultados pode fazer com que os participantes exijam mais de si mesmo e de seu desempenho.

As mudanças ocorridas na fase da adolescência podem ter como conseqüências a perda de interesse dos jovens pelos esportes e atividades físicas por não conseguirem manter a maestria nas destrezas requeridas. A literatura nos mostra estudos relacionados com o abandono esportivo, e isto quer dizer que o

esporte não é mais praticado, o que é diferente de sentir vontade ou apresentar sentimentos que poderão levar ao abandono. Neste estudo, o sentimento de abandono apresentou uma correlação muito fraca com a meta de orientação. Existe uma relação entre abandono esportivo e contexto competitivo que sugere que o alto nível de exigência competitivo pode levar crianças e adolescentes ao abandono da prática esportiva. O ambiente de esporte escolar não evidencia tanto a competição, ou seja, este não é o elemento principal e pode ter sido este o motivo para o sentimento de abandono entre os adolescentes quase não ter ocorrido.

Buscando compreender se as experiências em modalidades individuais e/ou coletivas no esporte exercem influência na orientação motivacional, tanto ego como tarefa sofreu maior influência dos esportes coletivos e coletivos / individuais e menor dos esportes individuais. Essa diferença entre o tipo de experiência esportiva, somente foi significativa na orientação para a tarefa. Isto infere que os praticantes de modalidades individuais apresentam uma tendência menor a orientar-se para a tarefa quando comparada com as outras modalidades.

As atividades esportivas podem ser realizadas tanto de forma individual como coletiva algumas requerem necessariamente a interação com os outros. Os esportes coletivos necessariamente trabalham a interação com os outros companheiros e desta forma contribuem para desenvolver o espírito de cooperação, as relações de cooperação e a busca da ajuda na aprendizagem. Na prática de esportes coletivos se houver a colaboração de todos os membros da equipe, fica mais fácil de encontrarmos resultados de sucesso, como a vitória. A maior prática de modalidades coletivas quando comparadas com modalidades individuais, nos mostram a realidade presente nas escolas e a influência de meios como os de comunicação. A isto se deve também maiores oportunidades para a prática coletiva do que para a individual, que muitas vezes não encontra estrutura, instalações, equipamentos, entre outras coisas adequadas para a sua efetividade.

Na orientação motivacional relacionada à diferença entre o número de modalidades praticadas também se encontrou diferenças somente na orientação para a tarefa. A orientação no ego nos mostra que com um maior envolvimento na prática esportiva, ou seja, praticando vários esportes, como quem pratica quatro ou mais modalidades esportivas maiores serão os elementos de julgamento para esta orientação. Na orientação para a tarefa não se pode inferir o mesmo, pois é irregular o aumento do número de modalidades relacionadas a esta orientação.

As diferenças referentes ao número de modalidades praticadas que se mostraram significativas somente na orientação para a tarefa podem ter se dado devido a também ter predominado esta orientação no grupo pesquisado.

Desta forma, os resultados deste estudo não possibilitaram evidenciar que o número de experiências na prática esportiva é uma variável que influencia na orientação motivacional. Os resultados se mostraram contrários à hipótese formulada, onde a diversidade de experiências esportivas não foi associada com a orientação motivacional. Portanto, sugere-se que outros estudos devam ser realizados em contextos mais competitivos e com uma amostra maior.

Para a realização de novos estudos na área sugiro que o clima motivacional também seja levado em consideração por ser um fator importante com poder de influenciar a orientação pessoal (tarefa ou ego), ou seja, a percepção da meta evidente na situação. A amostra deste estudo foi bem heterogênea, embora todos fossem estudantes havia jovens que poderiam estar mais engajados na prática esportiva competitiva e também poderia haver jovens que apenas participavam de esportes no ambiente escolar. Com isto, a amostra estava estruturada em climas motivacionais que poderiam estar propiciando diferentes situações esportivas no fornecimento de instrução e expectativas.

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMES, C. Achievement goals, motivational climate, and motivational processes. In: ROBERTS, G. C. **Motivation in Sport and Exercise**. Champaign, IL: Human Kinetics, p. 161-176, 1992.

BARRETO, S. M. G. Esporte e Saúde. **Revista Eletrônica de Ciências**. São Carlos, n. 22, 2003. Acessado na Internet em 17/07/2007.

BENTO, J. O. Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. In: GAYA, A., MARQUES, A. e GO TANI (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BERLEZE, A. **Motivos que levam crianças para a prática de atividades motoras na escola**. Monografia de Especialização. UFSM, 1998.

BIDDLE, S. Motivation and Participation in Exercise and Sport. **8th World Congress Sport Psychology**, Lisbon, p. 22-40, 1993.

BRAATHEN, E. T. & SVEBAK, S. Motivational differences among talented teenage athletes: the significance of gender, type of sport and level of excellence. **Scand J Med Sci Sports**. V. 2, p. 153-159, 1992.

CARDOSO, M. & GAYA, A. Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e nível de desempenho desportivo. In: 16^o SIMPÓSIO NACIONAL DE GINÁSTICA E DESPORTO, Pelotas. **Anais...** Pelotas: Escola Superior de Educação Física/ Universidade Federal de Pelotas, 125 p., p. 42, 1996.

CARDOSO, M. F. da S. **Fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo**. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Sul: UFRGS, 106p., 1994.

CARR, S. & WEIGAND, D. A. Parental, peer, teacher and sporting hero influence on the goal orientation of children in physical education. **European Physical Education Review**. V. 7 (3), p. 305-328, 2001.

CERVELLÓ, E., ESCARTÍ, A. e BALAGUÉ, G. Relaciones entre la orientación de meta disposicional y la satisfacción con los resultados desportivos, las creencias sobre las causas de éxito en deporte y la diversión con la práctica deportiva. **Revista de Psicología del Deporte**. V. 8, n.1, p.7-19, 1999.

CID, L. F. Alteração dos motivos para a prática desportiva das crianças e jovens. **Revista Digital efdeportes**. Buenos Aires, ano 8, n. 55, 2002. Acessado na Internet na página www.efdeportes.com em 06/07/2005.

COPETTI, F. Atributos pessoais de crianças que se engajam na prática esportiva: um olhar orientado pelo modelo bioecológico. In: KREBS, R. J., et al. **Os processos desenvolvimentais na infância**. –Belém: GTR Gráfica e Editora, 2003.

CRATTY, B. J. **Psicologia do esporte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1983.

DAVIDOFF, L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1983.

DUDA, J. L. The relationship between task and ego orientation and perceived purpose of sport among male and female high school athletes. **Journal of Sport & Exercise Psychology**, v. 11, p. 318-335, 1989.

DUDA, J. L. Motivation in sport settings: a goal perspective approach. **Motivation in Sport and Exercise**. p. 57-92, 1992.

DUDA, J. L. A goal perspective theory of meaning and motivation in sport. **8th World Congress Sport Psychology**, Lisbon, p. 65-80, 1993a.

DUDA, J. L. Goals: a social-cognitive approach to the study of achievement motivation in sport. In: Robert Singer et al. (Eds.). **Handbook of Research in Sport Psychology**. New York: Macmillan, 1993b.

DUDA, J. L. Maximizing motivation in sport and physical education among children and adolescents: the case for greater task involvement. **Quest**. V. 48, n. 3, p. 290-302, 1996.

DUNN, J. C. Goal orientations, perceptions of the motivational climate, and perceived competence of children with movement difficulties. **Adapted Physical Activity Quarterly**. V. 17, n. 1, p. 1-19, 2000.

FELKER, M. Fundamentos da iniciação esportiva. In: Congresso Internacional do Conesul, 6, Porto Alegre, 1998. **Programa**. Porto Alegre, Secretaria de Esportes e Turismo, 1998.

FERNANDES, H.; COSTA, H.; MOREIRA, M.; BOGDAN, I.; DIAS, L. e FERNANDES, A. Valores no desporto: estudo exploratório das atitudes desportivas e orientações motivacionais em alunos de educação física. **Revista Digital efdeportes**, Buenos Aires, ano 9, n. 67, 2003. Acessado na Internet na página www.efdeportes.com em 02/04/2004.

FONSECA, A. M. & BRITO, A. P. Estudo exploratório e confirmatório à estrutura fatorial da versão portuguesa do Perception of Success Questionnaire (POSQ). **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 3, p. 61-69, 2001.

FRANCO, G. S. **Psicologia no esporte e na atividade física**. Editora Manole. 1 ed., 2000.

GAY, L. R. **Educational Research: competencies for analysis and application**. 3 ed. London: Merrill Publishing Company, 1987.

GAYA, A. & CARDOSO, M. Os fatores motivacionais para a prática desportiva e suas relações com o sexo, idade e níveis de desempenho desportivo. **Revista Perfil**. Porto alegre: Editora da UFRGS. Ano 2, n. 2, p. 40-52, 1998.

GAYA, A. & TORRES, L. O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos. In: GAYA, A., MARQUES, A. e GO TANI (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: 5 ed. Editora Atlas, 1999.

GILL, D. L. Gender differences in competitive orientation and sport participation. **International Journal of Sport Psychology**, V.19, p. 145-159, 1988.

GIMENO, E. C., GARCÍA, J. P. F. e RIVAS, D. S. Un estudio piloto de las características motivacionales de los tenistas y de los tenistas en silla de ruedas en competições. **Apuntes: Educación Física y Deportes**, V. 58, p. 73-78, 1999.

GOULART, C. Elaboração, Construção e Validação de Instrumento de Medida: Orientação para Objetivo de Jovens Atletas. 2005.

GONÇALVES, C. O Espírito Desportivo na Formação dos Jovens Praticantes. In: **Seminário internacional: treino de jovens**. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 1999.

JAGACINSKI, C. M. & NICHOLLS, J. G. Reducing effort to protect perceived ability: "They'd do it but wouldn't". **Journal of Educational Psychology**, n. 82, p. 15-21, 1990.

KAVUSSANU, M. & ROBERTS, G. C. Motivation in physical activity contexts: the relationship of perceived motivational climate to intrinsic motivation and self-efficacy. **Journal of Sport & Exercise Psychology**. V. 18, n. 3, p. 264-280, 1996.

KNIJNIK, J. D. & GREGUOL, M. Motivação no esporte infanto-juvenil: uma discussão sobre razões de busca e abandono da prática esportiva entre crianças e adolescentes. **Revista Motricidade**, 2002.

KREBS, R. J. Da estimulação à especialização: primeiro esboço de uma teoria da especialização motora. **Revista Kinesis**. V. 9, p. 29-44, 1992.

LEE, M. O Desporto para os Jovens ou os Jovens para o Desporto? In: **Seminário internacional: treino de jovens**. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 1999.

LIMA, M. **Esporte ajuda no desenvolvimento emocional!** Acessado na Internet na página www.bemstar.ig.com.br em 21/06/05.

MAGILL, R. A. **Aprendizagem motora: conceitos e aplicações**. Editora Edgard Blücher Ltda. São Paulo, 1984.

MARQUES, A. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In: GAYA, A., MARQUES, A. e GO TANI (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

MARTENS, R. Os grandes treinadores são grandes comunicadores e motivadores. In: **Seminário internacional: treino de jovens**. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 1999.

MILLS, D. B. The relationship between middle school aged students goal orientation, self-confidence and competitive experience. **Journal of Human Movement Studies**. V. 31, n.1, p. 39-45, 1996.

MORROW JR., J. R.; JACKSON, A. W.; DISCH, J. G. e MOOD, D. P. **Medida e avaliação do desempenho humano**. 2 ed. Traduzido por Maria da Graça Figueiró da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MÜLLER, U. **Percepção do clima motivacional nas aulas de educação física**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1998.

NICHOLLS, J. G. **The competitive ethos and democratic education**. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

NICHOLLS, J. G. The general and specific in the development and expression of achievement motivation. **Motivation in Sport and Exercise**, p. 31-57, 1992.

NTOUMANIS, N & BIDDLE, S. The relationship between competitive anxiety, achievement goals, and motivational climates. **Research Quarterly for Exercise and Sport**. V. 69, n. 2, p. 176-187, 1998.

NUNNALLY, J. C. **Psychometric theory**. 2 ed. St. Louis: McGraw – Hill, 1978.

ORLICK, T. Promover a confiança, a alegria e a excelência no treino de jovens. In: **Seminário internacional: treino de jovens**. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 1999.

PAIM, M. C. C. Fatores motivacionais e desempenho no futebol. **Revista da Educação Física de Maringá**, 2001.

PAIM, M. C. C. & BORELLI, V. Fatores motivacionais que influenciam na prática desportiva. **Monografia de Conclusão de Disciplina**. Santa Maria, 2001.

PAPAIIOANNOU, A. Students' perceptions of physical education class environment for boys and girls and the girls and the perceived motivational climate. **Research Quarterly for Exercise and Sport**. V. 69, n. 3, p. 267-275, 1998.

PELLEGRINOTTI, Í. L. Educação Física no 2º Grau: Novas Perspectivas? In: PICCOLO, V. L. V. (org.) **Educação Física Escolar: Ser... ou Não Ter?** 3 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PONSETI, F. X., GILI, M., PALOU, P. e BORRÁS, P. A. Intereses, motivos y actitudes hacia el deporte en adolescentes: diferencias en función del nivel de práctica. **Revista de Psicología del Deporte**. V. 7, n. 2, p. 259-274, 1998.

ROBERTS, G. C. Motivation in sport and exercise: conceptual constraints and convergence. In: ROBERTS, G. C. (Ed.) **Motivation in Sport and Exercise**. Champaign, IL: Human Kinetics Books. 273p., 1992.

ROBERTS, G.C., TREASURE, D. C. e BALAGUE, G. Achievement goals in sport: The development and validation of the Perception of Success Questionnaire. **Journal of Sport Sciences**, n. 16, p. 337-347, 1998.

ROBERTS, G. C., TREASURE, D. C. e KAVUSSANU, M. Orthogonality of Achievement Goals and Its Relationship to Beliefs About Success and Satisfaction in Sport. **The Sport Psychologist**. V. 10, n.4, p. 398-408, 1996.

ROSE, E. & LARKIN, D. Validity of the Motivational Orientation in Sport Scale (MOSS) for use With Australian children. **European Physical Education Review**. V. 8, n.1, p. 51-68, 2002.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática**. Belo Horizonte: Imprensa UFMG, 1995.

SCALON, R. M. **Fatores motivacionais que influem na aderência e no abandono dos programas de iniciação desportiva pela criança**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 168p., 1998.

SCALON, R. M. , BECKER JR., B. e BRAUNER, M. R. G. Fatores motivacionais que influem na aderência dos programas de iniciação desportiva pela criança. **Revista Perfil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Ano 3, n. 3, p. 51-61, 1999.

SEIFERT, T. L. Characteristics of ego- and task- oriented students: a comparison of two methodologies. **British Journal of Educational Psychology**. Printed in Great Britain. The British Psychological Society, 65, p. 125-138, 1995.

SEIFRIZ, J. J.; DUDA, J. L. e CHI, L. The relationship of perceived motivational climate to intrinsic motivation and beliefs about success in basketball. **Journal of Sport and Exercise Psychology**. V. 14, p. 375-392, 1992.

SIMÕES, A. C.; BÖHME, M. T. S. e LUCATO, S. A participação dos pais na vida esportiva dos filhos. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, V. 13 (1), p. 34-45, 1999.

TANI, G. & MANOEL, E. de J. Esporte, Educação Física e Educação Física Escolar. In: GAYA, A., MARQUES, A. e GO TANI (Org.). **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

VIEIRA, L. F. A relação entre a percepção de competência de atletas adolescentes e seus motivos para a prática esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo: Universidade Estadual de Maringá, 16 (1), p. 61-75, 2002.

VIEIRA, J. L. L. Talento infantil: abordagem sistêmica do processo de abandono de talentos. In: KREBS, R. J., et al. **Os processos desenvolvimentais na infância**. – Belém: GTR Gráfica e Editora, 2003a.

VIEIRA, L. F. Criança e prática esportiva: considerações sobre o processo competitivo. In: KREBS, R. J., et al. **Os processos desenvolvimentais na infância**. – Belém: GTR Gráfica e Editora, 2003b.

VIEIRA, J. L. L. & VIEIRA, L. F. Crianças no esporte: implicações do abandono de talentos do contexto esportivo. In: KREBS, R. J., et al. **Desenvolvimento infantil em contexto**. Florianópolis: Editora da UDESC, 2001.

VLACHOPOULOS, S. & BIDDLE, S. Achievement goal orientations and intrinsic motivation in a track and field event in school physical education. **European Physical Education Review**. V. 2, n. 2, p. 159-164, 1996.

WEINBERG, R. S. & GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEISS, M. R. & HORN, T. S. The relation between children's accuracy estimates of their physical competence and achievement-related characteristics. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, 61(3), p. 250-258, 1990.

WHITE, S. A. & DUDA, L. J. The relationship of gender level of sport involvement and participation motivation to task and ego orientation. **Journal Sport Psychology**. V. 25, p. 4-18, 1994.

WINTERSTEIN, P. A motivação para a atividade física e para o esporte. In: DE ROSE JR, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, p. 77-87, 2002.

ANEXOS

NOME: _____ SEXO: () M () F DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____ SÉRIE: _____

ESCOLA: _____

TESTE DE ORIENTAÇÃO PARA OBJETIVO

Responda os itens abaixo de acordo com o que você realmente sente para estar em sucesso no ambiente esportivo. Marque um círculo no número que corresponde a cada item à escala que se segue:

- 1 – Discordo totalmente
- 2 – Discordo
- 3 – Nem discordo, nem concordo
- 4 – Concordo
- 5 – Concordo totalmente

Eu me sinto realmente com sucesso quando...

- | | | | | | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 1. ...eu sou o único que posso realizar uma determinada tarefa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | | | |
| 2. ...eu aprendo uma nova técnica e isto me faz querer treinar mais ainda. | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | |
| 3. ...eu tenho um desempenho melhor do que meus companheiros. | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | |
| 4. ...os outros colegas do meu grupo não conseguem ter um desempenho tão bom quanto o meu. | | | | | | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. ...eu aprendo uma nova técnica e me divirto fazendo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | | | |
| 6. ...os outros têm um mau desempenho e eu não. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | | | |
| 7. ...eu aprendo uma nova técnica por meio de persistência e treinamento. | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | |
| 8. ...eu consigo me esforçar muito durante os treinos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | | | |
| 9. ...eu sou "o" atleta que consegue o melhor desempenho. | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | |
| 10. ...algo novo que aprendo me faz querer treinar ainda mais. | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | |
| 11. ...eu sou o melhor de todos. | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | | |
| 12. ...uma técnica que aprendi eu sinto que está realmente correta. | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | | | | |
| 13. ...eu consigo ter o meu melhor desempenho durante uma competição importante. | | | | | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | | |

Questionário de Avaliação das Experiências Esportivas e Sentimento de Abandono

Marque a modalidade esportiva e o tempo correspondente que você praticou os esportes abaixo nos três últimos anos por no mínimo seis meses.

Basquete () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Futebol () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Voleibol () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Handebol () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Atletismo () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Ginástica () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Natação () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Judô () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Dança () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Capoeira () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Tênis () tempo: _____ Participou de competição: () dentro da escola () fora da escola
 Outro esporte: _____ tempo: _____ Participou de competição:
 () dentro da escola () fora da escola

Responda os itens abaixo, circulando o número que corresponde a sua resposta de acordo com a escala que segue. Justifique o porquê de sua resposta na linha abaixo.

1- Discordo totalmente 2- Discordo 3- Nem discordo, nem concordo 4- Concordo 5- Concordo totalmente

a) Eu sinto vontade de abandonar o esporte que pratico. 1 2 3 4 5
 Justif. _____

b) Eu pretendo continuar a praticar esportes após o término do ensino médio. 1 2 3 4 5
 Justif. _____

c) Eu me sinto motivado a praticar esta modalidade esportiva. 1 2 3 4 5
 Justif. _____